

UNIFAN  
CENTRO UNIVERSITÁRIO ALFREDO NASSER

# ENTRE O CÉU E A MONTANHA

Luiz Antônio de Faria

EDITORA  
ALFREDO  
NASSER



**Reitor**

Prof. Alcides Ribeiro Filho

**Vice-Reitor**

Prof. Me. José Carlos Barbosa Soares

**Pró-Reitor Acadêmico**

Prof. *PhD.* Carlos Alberto Vicchiatti

**Pró-Reitor de Relações Institucionais**

Prof. Msd. Luiz Antonio de Faria

**Pró-Reitor de Desenvolvimento**

Prof. Msd. Divino Eterno de Paula Gustavo

**Pró-Reitor Financeiro**

Prof. Esp. Leandro Júlio dos Santos Faria

**Pró-Reitor de Controladoria**

Marcello Oliveira Ferreira

**Pró-Reitor Jurídico**

Wallace Braz Francisco

**Pró-Reitor de Extensão e Apoio Estudantil**

Prof. Me. Claudio Everson da Silva e Souza



## **EXPEDIENTE**

### **Editora-chefe**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michele Giacomet

### **Editor-assistente**

Peterson Daniel Vieira

### **Bibliotecárias**

Ana Márcia Santana Lima  
Eliana Batista Pires e Silva  
Francisca Rodrigues da Silva

### **Layout e diagramação**

Peterson Daniel Vieira

### **Capa**

Cleyton Nascimento

Faria, Luiz Antônio de.

Entre o céu e a montanha / Luiz Antônio de Faria. -  
Aparecida de Goiânia: Editora Alfredo Nasser, 2021.

### **EBOOK**

93 páginas

ISBN: 978-65-89165-04-0

1. Coletânea. 2. Poesias. 3. Literatura Goiana. 4. Contos. 5. Crônicas. 6. UNIFAN. 7. Centro Universitário Unifan. 8. Crítica social. 9. Luiz Antônio Faria. 10. Poemas. 11. Sonetos. 12. Dramaturgia. 13. Versos. 14. Narrativas. I. Autor. II. Título.

CDU: 82-01: 821.134.3 (081.1)(817.3)

## PALAVRAS DE UM DOS MESTRES DO AUTOR

*Mas as coisas findas,  
Muito mais que lindas,  
Essas ficarão.*

(Carlos Drummond de Andrade – “Memória”)

Nos infaustos dias da década de 1970, marcados pela ignominiosa Ditadura militar, chegou-me ao terceiro colegial, um aluno silencioso, respeitoso e observador atento, que, com o passar do tempo, foi-se deslumbrando com a descoberta dos tesouros escondidos nos textos apresentados e explorados nas aulas de Literatura. Seguiu-se o curso de Letras, com brilhante e marcante atividade acadêmica. Obediente à vocação, escolheu o magistério, quando pôde também desvelar para aqueles que o fado lhe confiou as belezas e preciosidades das joias literárias. O cultivo permanente da mais bela, para mim, das artes, levou-o à incoercível tarefa de também dedicar-se à sua lavra. Bênção e maldição, como atestam muitos dos luminares das letras. Eis parte das origens desta coletânea.

Num arranjo pedagógico exemplar, o autor empenha-se na iniciação das crianças com textos que transfiguram momentos poéticos experienciados ou imaginados por um garoto de origem rural. É a revelação de um mundo agonizante a uma geração que desconhece a vida singela e pura do contato com a Natureza. Destaque para o meigo “Passarinho”, de claras ressonâncias bandeirianas, e para todo um aparato de reminiscências do reino mágico da infância: do menino que acha poder abrigar formigas, do menino que conversava com os bichos, do menino frustrado por perder seu Totó ou não ter sabido encantar sua gata, do menino que deslumbra com a beleza majestática da garça. E, no torvelinho da vida que não se detém, chega-se às inquietações e descobertas e atrevimento do amor adolescente.

Na segunda parte desta miscelânea, encontramos-nos diante do jovem perante o mundo e suas incongruências, a apelar para a memória das origens, a fim de se compreender e se situar diante da paixão amorosa e seus vaivens. Acompanhamos o homem da maturidade, observando os escandalosos contrastes sociais, refletindo sobre eles, descarregando indignação e revolta, principalmente quando se percebe cerceado do seu direito de ser quem é. A natureza de seus protestos e seu grito de independência fazem lembrar o Álvaro de Campos pessoano – de quem, aliás, Luiz transcreve um verso famoso quase na íntegra, num de seus textos, e o José Régio do libertário “Cântico Negro”.

Em suas incursões pela prosa, o autor faz questão de ressaltar a proteção benfazeja da mãe e do pai a velarem o sono atormentado do filho. Já “Maria e Mariana” explora a eterna sina feminina de buscar o príncipe encantado, gerar e ser abandonada, pois “Mariana” traz no seu próprio nome (Maria + Ana, respectivamente, mãe e avó) o presságio de um destino cruel a cumprir: ludíbrio do macho, seguido do trágico fim de filha sem pai. No conto “Dissimulação”, escancara-se a tragicidade das histórias sertanejas do Brasil interiorano, com personagens dominadas pelas forças cegas da imperiosa sexualidade e dos jogos de poder. O escritor aproveita, então, para se permitir o *saboreio* do linguajar oral dos caboclos, que tanto faz lembrar tantas belas páginas do nosso regionalismo.

O homem experiente, testado e provado nas laboriosas lides da existência, ergue-se como farol da mocidade e, num brado professoral, de nune tutelar, patético, convoca os jovens a se insurgirem contra obscuras forças poderosas de despersonalização. Aconselha-os a que resistam com os mais ingentes esforços em prol da preservação de sua mais sagrada autenticidade, pois somente assim, poderão suceder às velhas gerações na construção do império do novo.

Na curiosa disposição gráfica de “Silêncio” parte-se de um trissilábico “Ai de vós!” e, num crescendo vertiginoso de verso após verso, contemplamos a multiplicação aos borbotões das verborreias malditas e ameaçadoras porque não fecundas da prévia e necessária meditação que só os silêncios vigilantes proporcionam. Após quatro exaltações do silêncio como propiciador da linguagem veraz, retorna-se ao apaziguamento e fecha-se a sequência com outro trissilábico de exaltação do abençoado silêncio, pré-requisito indispensável de tudo o que se registrou em todas as páginas da obra a se encerrar, não por acaso com a palavra final “silêncios”, pois como intitulou Érico Veríssimo, “o resto é silêncio”. Vigilância contínua e necessária, porque a palavra impensada ou precipitada, uma vez evolada, não torna ao berço de origem. Só a borracha do tempo para apagá-la. E, às vezes, não.

Saúdo-o com o contentamento de vê-lo enfim completar o legado de um grande homem: plantar uma árvore (Você já plantou inúmeras!); gerar filhos (Os seus o cercam diuturnamente!); e, escrever um livro (Escreveu mais de um!).

Oxalá este rebento o predisponha à comichão irrefreável da literatura.

*Professor Vilmar Antônio Coelho*

## **Justificativa, agradecimentos e oferenda**

Apresento aos leitores três razões que sustentam a escrita do que aqui está: primeiro, minha necessidade de libertar meu espírito, por meio de reflexões e confissões; segundo, meu desejo de partilhar ideias e sentimentos específicos, principalmente, com meus colegas profissionais da educação, adultos, jovens e crianças; e, terceiro, minha vontade de ser capaz de escrever um pouco daquilo que meus semelhantes queiram compreender.

Agradeço, com humildade, ao meu companheiro de trabalho, Professor Alcides Ribeiro Filho, por sua sinceridade, compreensão, ousadia e confiança, que me animam a cada amanhecer; a todos os atenciosos colegas gestores, professores e professoras; a meus alunos e alunas adultos, jovens e crianças que me inspiraram, fizeram sugestões e aprovaram cada um dos textos componentes desta coletânea e utilizaram alguns textos de forma oficial, antes da publicação.

Agradeço, especialmente e com saudade, a um dos meus grandes Mestres, o Professor Vilmar Antônio Coelho, pelos legados acadêmico e humanístico, que guiam meus passos até hoje.

Submeti cada um dos textos à avaliação de leitores voluntários. Sou grato a Deus, por sorrisos espontâneos e encantadores das crianças, simultâneos à expressão: “Conta mais...” e mistérios nos desenhos delas que ilustraram os textos; e, também, aos estudantes jovens e adultos, pelos olhares de confiança, concomitantes à expressão “Ainda quero escrever assim...”.

Por tudo, levo a público, mais esta produção, cuja autoria e mérito são tanto dos colaboradores e inspiradores acima citados que compuseram esta orquestra, quanto meus.

Enfim, ofereço esses escritos a todos os que deles puderem usufruir.

*O Autor*

## VERSOS E VERDADES

*Odália Bispo de Souza e Silva*<sup>1</sup>

Em “Entre o céu e a montanha”, o professor, cronista, poeta e contador de histórias Luiz Antônio de Faria brinda-nos com um conjunto de versos, estrofes, textos inteiros que, ao mesmo tempo em que permitem um deslocamento para o nosso interior mais segredo, conduz-nos a reflexões e verdades que nos remetem a um inquietante ruminar acerca das fases da vida, das relações que estabelecemos com o Outro, das vivências guardadas na memória, dos medos e das mazelas sociais, do desejo de gritar por mais respeito ao próximo, por mais justiça social, por mais ‘verdade’.

Na Parte I, *Da infância e da adolescência*, estão reunidos poemas que, por meio de uma impecável seleção lexical, viabilizam imagens sonoras, delicadas e emocionantes, mas que também são densas e incisivas. Desse modo, o autor, ao tratar de temas e experiências corriqueiras, emociona o leitor ao ser conduzido a rememorar experimentos, brincadeiras, sonhos, paixões e inseguranças tão peculiares à infância e à adolescência, independentemente do local em que tenha estado durante essa fase da vida. Os poemas e contos concentrados nessa parte do livro possuem, de forma bastante singela e descomplicada, um caráter educativo, pois instigam, até o mais jovem leitor, a tomadas de decisões pautadas no respeito e no amor às pessoas, aos animais, à natureza.

Na parte II, *Da existência e crítica social*, a sagacidade na escolha dos temas e palavras revela o olhar atento do escritor para sentimentos, gestos, incertezas, angústias, encontros e desencontros, anseios por mudanças sociais e políticas que perseguem e, por vezes, afligem a vida adulta. Nesse sentido, acompanhamos, através da escrita, o caráter genuinamente dialógico da língua, materializado nas abordagens que revelam a inserção histórica e política do enunciador e nos remetem a um anseio por equidade e justiça social. É impossível, até para aquele leitor mais desatento, não se deslocar para extremos dos sentimentos humanos, em função da coexistência imagética, tanto da singeleza e da parcimônia, quanto do inconformismo e da intrepidez.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Estadual de Goiás. Mestre em Letras: Literatura e Crítica Literária. Doutora em Letras-Linguística. Autora do livro *Saber, poder e resistência em discursos sobre o professor no Brasil*, publicado pela Editora Appris.

A reiteração de temas próprios à vida e à apropriação respeitosa e sonora da diversidade linguística dá o tom para toda a obra. Sentimo-nos absortos com o colorido (e também com a acidez), com a diversidade, com a ousadia e com a pertinência dos assuntos abordados. Depois de ler “Entre o céu e a montanha”, tenho a sensação de que, pelo (re) contar de histórias e pelas reflexões contidas nessa coletânea, houve em mim um inefável fervilhar das minhas memórias mais secretas e, ao mesmo tempo, uma inevitável excitação para gritar, junto ao admirável professor e escritor Luiz Antônio de Faria, por amor, afeto, justiça e equidade social, respeito à família e às diferenças. Por ‘verdade’.



## *PRAEFATIO SACRORUM*

*Michele Giacomet<sup>2</sup>*

Um prefácio de livro ou uma apresentação nunca são simples, puramente técnicos e descritivistas. Há o tal do convite, quando não são feitos pelo próprio punho do autor. E o convidado, seja qual for sua formação ou titulação, tem sempre algum tipo de relação com o ‘escrevinhador’. Pensei, inicialmente, em me ater aos meus recursos teóricos, o que não deixarei de fazê-lo, minimamente. Mas, eu conheço as profundezas do autor e, não mencioná-las, seria falta grave, de minha parte, para com seus leitores.

Vejamos: *praefatio* tem origem latina e é aquilo que é dito (*fatio*) antes (*prae*). Por associação proposital e intencional, de minha parte: *Praefatio sacrorum* era a fórmula pronunciada antes de uma cerimônia sagrada. Eis-me, aqui, em terreno tão querido: a celebração da literatura. Venho anunciar o que virá a seguir. Prefácio: texto de pequeno conteúdo, com algumas informações sobre o autor. O que é de praxe.

Faço e quero mais. Se prefácio é o que é dito antes, faço uma pré-leitura. Abro alas. Jogo um pozinho de pirlimpimpim, aceno em riste com a varinha de condão, profiro um abracadabra ou rezo uma Ave-Maria. A fórmula está pronunciada e a cerimônia da leitura e da decodificação está iniciada. *Praefatio sacrorum...*

Luizinho (o menino), Luiz (o moço), Luiz Antonio de Faria (o professor). Como a sua semelhança, o autor construiu seu livro “Entre o Céu e a Montanha”. Eu vi. Testemunhei. O Professor Luiz, como é conhecido, já entendido de si mesmo a olhar para o passado. Como observou a si mesmo, espiou o bicho-homem em suas fases e, assim, achou por bem dividir seu livro: em partes, como um “Romance de aprendizagem”. Então é uma narrativa? Não!!!! Muito ao contrário, o predomínio é do gênero lírico. Há sim contos. Mas em número bem restrito. A obra é composta por trinta e três poemas e quatro narrativas, agrupadas em duas partes.

As poesias, presentes na obra, embora longe de serem narrativas, propõem um fio condutor, que une as partes, ao mesmo tempo, da história do ser e da formação deste ser leitor. “Da infância e adolescência” à “Da existência e crítica social”, divisão que estabelece o elo da inocência à maturação.

---

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Literários. Professora titular do Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN). Assessora da Pró-Reitoria de Relações Institucionais da UNIFAN. Editora-Chefe da Editora Alfredo Nasser.

No início, em “Da infância e adolescência”, nas poesias, o universo lúdico-infantil ganha contornos com a presença de temas que salientam a interação humano e animal: minhocas, tiús, cachorros e pássaros, passarinhos e garças, cada um, a seu modo, vai colaborando para com as novas percepções do eu lírico. Além das temáticas próximas (e necessárias!) ao desenvolvimento de ‘Luizinhos’, coloco em relevo alguns aspectos formais pouco recorrentes nas poesias destinadas a esta fase.

O poema *O pássaro* é dividido em tomos (fascículos) e os poemas *A gata e o gato* e *Primeiro ensaio* apresentam uma fusão de gêneros experimental e contemporânea, que merece destaque: a inserção dos diálogos e alguns de seus respectivos acessórios coadjuvantes, mas não menos importantes, como as antigas didascálias, ou modernas rubricas. Um aspecto que somado a estes, em *A gata e o gato*, por exemplo, dá ao poema um tom elocucional. É a gostosa brincadeira semântico-fonológica representada pelos sons (dEle) e (dEla).

Gostaria de assinalar uma curiosidade acerca desta obra, especificamente desta parte: a maioria dos poemas dos ‘bichinhos’ tiveram uma pré-leitura aplicada! Leitores infantis receberam de presente os poemas, que foram lidos com o acompanhamento dos pais. Eles tiveram, aí, sua primeira pré-leitura. O retorno das impressões infantis era aguardado com ansiedade. O autor chamava aquela movimentação de ‘teste’!

O ser sensório-emotivo começa aí a sua trajetória. Mas não passam despercebidos os poemas que exploram o aprimoramento das emoções. A temática amorosa, a descoberta pelo adolescente do que chama de amor, sentimento sempre tão dual e contraditório, está também muito presente. O poema *Lobos* é antitético como o amor. Aborda a questão do homem que contém em si mesmo, em seu cerne, para ser mais enfática, a dualidade humana, como magistralmente poetizou Camões e teorizou Charles Baudelaire em “Sobre a modernidade”. Assim, o espaço intervalar “Entre o céu e a montanha” é recuperado, lembra o ser terreno (montanha) que aspira a divindade (céu).

Dos últimos textos da primeira parte, três são narrativas. Todas elas familiares. Finalizam com amparo, afago e proteção de entes da casa materna. Os dois primeiros contos, *Pesadelo* e *Abraço de pai* são autodiegéticos (narrados em primeira pessoa, pelo protagonista, segundo Gérard Genette), o que confere à história extremo envolvimento do narrador com os fatos selecionados.

O último conto, *Maria e Mariana*, é heterodiegético, em terceira pessoa. Tal fato é considerável, pois a narração em terceira pessoa pressupõe, geralmente, distanciamento. É como se o eu, anunciado por mim, aquele em formação, fosse ganhando mais autonomia e estivesse pronto para uma nova jornada.

“Da existência e crítica social”, a parte segunda da obra, é o início de tal jornada anunciada. Sentimentos e sensações das mais variadas: lembranças, paixões, culpa, relações maternas (Consteladamente protegidas) e inocentes dão lugar às amorosas e sensuais (que apelam para a solidude, para o crescimento e enfrentamento individuado). As leituras sensoriais, além do acréscimo afetivo, vão ganhando tons cognitivo.

A crítica social marca o ápice da maturação. Percebemos, aqui, a fusão de ‘Luiz’ e do ‘Professor Luiz Antônio’. Algumas temáticas se repetem, como a do amor, que é vista sob a luz de outros prismas: a paixão, o amor materno, fraterno, mas também o amor que traz angústias, dores e dúvidas. *A sedução* descreve a leitura sensorial amorosa de forma delicada: desvendar o outro, ler o objeto de desejo.

Mas, para deleite dos leitores, o amor também é representado, ou melhor, subjetivado, com bom humor. Merece destaque, neste quesito, o poema *Verbo linguar*. A propósito, este poema inova, trazendo para o universo poético a linguagem da informática. Cada uma das estrofes é nomeada como *Slide* e seu sucessivo número. O leitor percebe um amálgama de domínios de veículos de linguagem. O *Slide*-estrofe evidencia a necessidade, colocada pelo eu lírico, de refletirmos sobre os novos rumos da literatura. É uma provocação dialógica. Passamos em revista antigos moldes e antevemos, mesmo que pontualmente, possibilidades de renovação do gênero.

Aliás, nesta segunda parte, os temas versam, ainda, acerca de sentimentos e percepções, porém a subjetividade expressa é cada vez mais enfática, mais realista e mais solitária. Tão solitário quanto é o amadurecimento do ser, da própria existência. Alguns denotam o incômodo do eu lírico diante da impossibilidade de mostrar a sua verdadeira face.

O poema *A máscara* é o monólogo desesperado, posto que forma também é conteúdo, que esbraveja contra a dissimulação, a imposição de faces agradáveis, socialmente criadas e que legitimam poderes que se voltam contra as criaturas. Aliás, neste jogo de esconde-esconde, neste carnaval de Veneza, só há perdedores e indivíduos silenciados.

A voz do eu lírico, além de demonstrar indignação, reivindica liberdade de criação. Vemos tal experimentação em *A máscara*, mas também em *Escolhas*, *A cantiga romana* e *Sensibilidades*. Todos os citados poemas propõem a divisão em tomos (fascículos). Como eu já havia dito que forma é conteúdo, neste caso, os tomos, publicações programadas e progressivas funcionariam como extensões, como se fosse preciso mais espaço, mais volumes, para a representação do sentimento, da subjetividade, seja qual for.

O poema *Sensibilidades* completa um ciclo (o da maturação, o da obra e o da mais terrível constatação). Ele fala da incompletude de nossas leituras, de nossas percepções, de nossa sensibilidade. O exercício humano sensível, incansável, assim entendido, é uma fuga da morte, que recorrentemente será buscada pela Humanidade.

E mais uma vez, notamos, na obra, a presença do ser dual: gostaríamos de um pouco mais de autonomia. O uso da sensibilidade nos coloca na condição de semideuses e isto é terrível. Não teremos nunca a certeza da imortalidade. Resta-nos cultivar a vida por meio da leitura sensível. A palavra é um meio potente. Não percamos mais tempo: partamos à celebração sagrada!

## SUMÁRIO

<b>PARTE I – Da infância e adolescência .....</b>	<b>14</b>
<b>Minhoca .....</b>	<b>15</b>
<b>Protesto à razão .....</b>	<b>16</b>
<b>A fome .....</b>	<b>17</b>
<b>O pássaro .....</b>	<b>19</b>
<b>O passarinho .....</b>	<b>25</b>
<b>Afeto de cão .....</b>	<b>27</b>
<b>A ponte .....</b>	<b>30</b>
<b>A garça .....</b>	<b>32</b>
<b>A gata e o gato .....</b>	<b>33</b>
<b>Primeiro ensaio .....</b>	<b>35</b>
<b>Lobos .....</b>	<b>37</b>
<b>A fada e o fado .....</b>	<b>38</b>
<b>Pesadelo .....</b>	<b>40</b>
<b>Abraço de pai .....</b>	<b>41</b>
<b>Maria e Mariana .....</b>	<b>42</b>
<b>Carta a meu Amor .....</b>	<b>43</b>
<b>Depois .....</b>	<b>44</b>
<b>PARTE II – Da existência e crítica social .....</b>	<b>45</b>
<b>Reminiscências .....</b>	<b>46</b>
<b>A paixão .....</b>	<b>48</b>
<b>Culpa .....</b>	<b>49</b>
<b>Verbo <i>linguar</i> .....</b>	<b>51</b>
<b>A sedução .....</b>	<b>53</b>
<b>A mulher .....</b>	<b>55</b>
<b>A espera .....</b>	<b>57</b>
<b>Ingenuidade .....</b>	<b>59</b>
<b>A presa .....</b>	<b>61</b>
<b>Mentiras .....</b>	<b>62</b>
<b>Tristezas .....</b>	<b>63</b>
<b>Escolhas .....</b>	<b>64</b>
<b>Cantiga romana .....</b>	<b>67</b>
<b>A máscara .....</b>	<b>72</b>
<b>A mestiçagem .....</b>	<b>77</b>
<b>Sensibilidades .....</b>	<b>78</b>
<b>Saudades .....</b>	<b>84</b>
<b>Dissimulação .....</b>	<b>85</b>
<b>Carta à mocidade .....</b>	<b>87</b>
<b>Silêncio .....</b>	<b>91</b>
<b>Voz do tempo .....</b>	<b>92</b>

# **PARTE I**

## **Da infância e adolescência**

**Minhoca**

Cortei a terra molhada  
E a minhoca apareceu.  
Estava gosmenta e brava,  
Furou o barro e sumiu.

Cortei o barro de novo  
E eu a parti bem no meio.  
Pareceu um acidente:  
Será que fiz coisa errada!?

Peguei uma parte dela,  
Mas ela não se mexeu.  
Bem que depois de um segundo,  
A minhoca reviveu!

**Protesto à razão**

Eu, criança,  
Lembro-me de que um dia,  
O meu coração  
Fez uma canção para o teu,  
Que adorou – a mensagem e a melodia,  
Mas foram reprovadas por uma razão  
Das pessoas grandes!

Naquela noite,  
Sonhei com uma cruz,  
Com um prato pendurado  
Por três cordões em cada braço  
E os números que eu sabia escrever  
Em cada prato.

Contei o fato às pessoas grandes  
E disseram-me que sonhei com a razão.  
Não gostei!

Depois de um tempo,  
Tu me disseste que o teu coração  
Queria o meu.

E eu,  
No papel,  
Com lápis coloridos na mão  
E o calor de minha imagina – ação  
Desenhei – demoradamente,  
O teu e o meu coração,  
Dentro de um ninho  
Que eu fiz – somente para os dois.

Agora, fico a pensar:  
A razão reprova  
O coração  
Ou não?  
E a mim, a ti, a nós?

Se tu  
Souberes disso,  
Esquece a razão  
E vem logo morar no ninho  
Onde estão  
O meu e o teu coração.



**A fome**

Eu vi um caju vermelhinho  
No alto do pé.  
Senti o cheiro dele  
De longe...

Devia estar maduro  
E eu quis comê-lo.

Peguei um pau,  
Mas não consegui alcançá-lo!

Veio um silêncio total  
E ouvi um barulhinho,  
Entre as folhas secas,  
Perto dos meus pés.

E meus olhos  
Viram um teiú!  
Verde-cinza, listrado, rabudo, pintado...  
No chão,  
A degustar um caju.

– Por que ele e não eu?

Fiquei imóvel.  
Nem se mexeu meu dedo!  
E fiz a foto dele,  
Com meu olhar de medo!...

Fugiu rapidamente pela trilha...  
Na subida!

Gritei com susto:  
– Por que não fugiu pela descida?!

E... lá de longe...

De repente,  
Vi descer do céu,  
Como um raio,  
Um gavião.

E, só lamento!...

Suas garras...  
De unhas agulhadas  
Agarraram o bichinho.

E subiu para bem alto,  
A voar lento, devagar...

E sumiu, para longe...  
Nas nuvens,  
Igual...  
A um avião.

Foi para o ninho,  
No alto,  
Da mais alta árvore  
Daquela montanha alta.

E o teiuzinho  
Despedaçado  
Foi a comida  
Para os filhotes...  
Do gavião.

Barulhentos,  
De barrigas  
E bundas peladas,  
Famintos...  
De biquinhos abertos:  
Qué! Qué!

É verdade.  
Ah! Que dó do teiuzinho!...

## O pássaro

### *Tomos I*

Era uma vez... um pássaro  
Solitário.

Pouco antes da Noite chegar,  
Voou até sua árvore  
E se despediu:  
– Boa noite, Sol...  
Vá dormir atrás da montanha!

E o Sol respondeu:  
– Durma com a Noite!

Então, o pássaro...  
Encolheu as pernas, as asas, o pescoço  
E fechou os olhos,  
Mas parece que sentiu seu galho balançar...  
Imaginou: “é o vento”.

Enquanto dormia,  
Sonhou com um pássaro solitário  
Que conversava com o Sol e com a Noite.

Ao amanhecer,  
Ainda sonolento,  
Ouviu a voz do Sol,  
A mandar a Noite ir embora...  
E acordou.

Esticou o pescoço, as pernas e as asas...  
Piscou os olhos,  
Viu uma ave no seu galho  
E gritou assustado:  
– Aqui, não!  
Este é o meu galho!  
Quando chegou aqui?...  
Você não pode quebrar o meu galho!  
Quem é você?

Respondeu calmamente a ave:  
– Oi, pássaro!  
Ontem pousei aqui, ao entardecer.  
Balancei o galho, mas você não acordou.  
Hoje cantei meu canto para você...  
Eu sou uma ave amiga... de amizade.

Então o pássaro gritou com o bico bem aberto:

– E eu sou um pássaro.

Não sabe o que é pássaro?

Ave!... Ave não tem amizade com pássaro!

Vá embora!...

Mas ela não foi!...

E depois de um tempo...

O pássaro continuou:

– Antes de voar para longe...

Cante seu canto,

E diga-me: o que é ‘amiga... de amizade’?

Mas a ave não respondeu.

Ficou em silêncio...

De olhos fechados... a pensar.

### *Tomo II*

Minutos depois,

O pássaro que dizia ser o dono do galho

Ouviu a ave dizer:

– Antes da amiga de amizade ir embora,

Coma estas três sementes

Que deixei aqui, no galho, para você.

Sei que não as viu!

Então, ele comeu as sementes...

A reclamar:

– Este galho é o meu! Não é o seu!

Mas diga-me: o que é ‘amiga de amizade’?

E ela continuou:

–Você não entende!

Pássaros ou aves são os mesmos animais...

Eles cantam para encantar a quem amam.

Você tem olhos coloridos iguais aos meus.

Nunca os viu no lago?

Chegue bem perto de mim.

O pássaro, desconfiado, se aproximou e viu...

Piscou os olhos três vezes.

Sacudiu as asas e disse:

– É!... Nunca vi olhos tão lindos!

Mas nega:

– Não acredito que os meus sejam lindos!

E continuou:

– Até agora, não vi o lago,

Nem sei o que é ‘amiga... de amizade’!

A ave fez outra pergunta com resposta:

– Quer saber outra coisa?

Nenhum outro pássaro tem sua beleza!

Então, o pássaro começou a entender:

– Se os pássaros e as aves são os mesmos,

Eles cantam,

Mas não sei cantar!

Mostre-me o lago.

A ave o alerta:

– Você terá que voar ao meu lado.

Vamos...

Voaram... e voaram...

E pousaram na margem do lago, à beira da floresta

E a ave deu instruções a ele:

– Fique aqui, parado, de olhar atento para a água,

Como se quisesse pegar um peixe.

Só pode piscar.

A ave se afastou.

O pássaro viu um peixe perto do seu bico.

A água era um espelho e, debaixo do espelho,

Havia peixes.

No espelho da água, apareciam os olhos abertos do pássaro,

Tão coloridos que encantavam os peixes.

Então, ele deu outro grito com o bico bem aberto:

– Venha... ave, eu vi meus olhos no espelho!

E a ave, de longe, falou:

– Agora sabe que seus olhos são lindos!

São lindos para olhar os meus

E também encantar os peixes que quiser.

Almoçaram alguns peixes

Enquanto o pássaro falava:

– Uma amiga de amizade

Balançou meu galho,

Deu-me três sementes,

Ensinou-me o caminho do espelho do lago

E eu encantei os peixes com meus olhos.

Mas eu não sei cantar!

É isso.

A ave ouviu o pássaro e chamou-lhe a atenção:

– Não! Isso é só uma parte do amor.

E ele mudou de assunto:  
 – Aonde encontro daquelas sementes que me deu?

### *Tomó III*

A ave mostrou ao pássaro as árvores com as sementes  
 E disse:  
 – Pegue quantas sementes quiser e voe para seu galho.  
 A Noite vai chegar daqui a pouco!

E, enquanto o pássaro pegava as sementes,  
 A ave voou para dentro da floresta e sumiu...  
 O pássaro comeu algumas e levou três sementes  
 Para a ave,  
 Mas não encontrou a ave!...

Então, ele voou com muita velocidade até seu galho,  
 Na árvore onde dormia.  
 Colocou lá as sementes.  
 E perguntou ao Sol:  
 – Onde está a ave?

E o Sol disse ao pássaro:  
 – Ela foi dormir no galho dela!  
 Durma só, com a Noite que vai abraçar você.

O pássaro ficou cego, mudo e tremeu...  
 Com as asas e as pernas moles!  
 E não deu boa noite ao Sol.

Até que a Noite o abraçou... e ele chorou...  
 Depois dormiu... a imaginar e sentir a solidão:  
 Pássaro gosta de ave!  
 Onde está a minha ave?

### *Tomó IV*

E o pássaro teve outro sonho.  
 A Noite dizia aos seus ouvidos:  
 – Aprenda a cantar sua canção!

Ao amanhecer do outro dia,  
 O pássaro ouviu um canto...  
 E acordou...  
 Olhou para o lado e viu sua ave.  
 Seu coração disparou... e ele disse:  
 – Bom dia, minha queridíssima ave!  
 Venha comer as sementes que trouxe para você...

A ave comeu, olhou para os olhos dele e disse:

– Eu canto e você me repete!

Então, cantaram... uma... duas... três vezes.

Ela disse:

– Agora cante você.

Um, dois, três...

Ele cantou... e ouviu elogios da ave:

– Lindíssima canção!...

O pássaro perguntou:

– Sabe me explicar o que estou a sentir?

Fiquei todo arrepiado com seu encanto.

O que é isso?

A ave explicou:

– Não é só isso!

É a continuação do amor...

Abra suas asas... assim...

Entrelace as suas nas minhas...

Toque o seu bico no meu bico... assim...

E sinta se a minha língua estimula a sua.

E me deixe ver seus olhos...

Que lindos!

Ele fez tudo o que a ave pediu, e ela continuou:

– Agora coloque seu ouvido no meu peito.

Ele adorou obedecer à ordem.

– Ouviu meu coração?

Estou com vontade de botar ovos!...

Finalmente,

O pássaro abraçou a ave com suas asas

E cantou pra ela:

– Eu era um pássaro solitário!

Você me ensinou a voar mais longe e a cantar...

Agora sou um pássaro encantado

Pelo amor de uma ave:

A minha graça,

O meu encanto!

Vamos fazer o nosso ninho!...

Gritaram ele e ela

Ao mesmo tempo,

Em uma só voz.

Depois...  
Voaram de asas lado a lado...  
Para o céu dos seus amores.



## O passarinho

Meu papagaio contou-me  
Que Ana foi infratora.

Disse ele:

– Quando minha amiga,  
A menina Ana,  
Tinha seis anos,  
Ela encontrou um ninho  
Na mata,  
Perto da casa dela.

Dentro do ninho,  
Havia um pequeno  
E colorido ovo:  
Azul, com amarelo e vermelho.

Ana se encantou!...

Na semana seguinte,  
Ela voltou ao ninho  
E viu  
Um pequeno filhote de pássaro.

O ovo estava quebrado  
E a mãe não estava lá.

Certamente,  
Ela foi procurar comida para ele.

O passarinho nasceu  
Livre  
Para criar asas  
E voar...  
Cantar  
E encantar...

Era o dia da Páscoa  
E Ana furtou  
O filhote do ninho!...

Levou o bichinho para casa.  
Deu-lhe água,  
Comida e muito afeto,  
Mas esses cuidados  
Não o fizeram feliz.

Não resolveram

Em nada  
As pequenas janelas  
Por onde ele podia olhar  
E respirar!

A casa escura,  
De porta fechada,  
Era a prisão.

Na segunda-feira,  
Ana me disse assustada  
Que a asa do pássaro estava quebrada  
E ela chorou!

No dia seguinte,  
O passarinho morreu!...

Ana não era a mãe dele  
E se sentiu muito culpada...

Cavou um pequeno buraco na mata  
Pôs o corpinho dele lá.  
E cobriu com terra.

Só eu  
Sei o lugar onde está.

E a alma?!  
Essa bateu as asas,  
Subiu,  
Subiu...  
E foi embora  
Morar no céu dos filhotes de pássaros!

Então,  
É assim que ouço sempre  
Os conselhos do meu papagaio:

– Deixa o pássaro no próprio ninho!  
Cada animal tem o seu lugar!  
E dê-me sementes de girassol!...

## Afeto de cão

Balançou o rabo,  
Chegou bem perto  
E lambeu minha mão.

Era um cão  
Pintado de preto e amarelo.  
Não fiquei indeciso,  
E passei a mão no lombo dele.

Era macho ou fêmea?  
Não sei.

Achei uma cordinha  
E lhe amarrei ao pescoço.  
Agora o cão é meu:  
Pensei.

E o nome?  
Tive a ideia rápida.  
Decidi.  
É Totó.

Usei uns pedaços de tábuas  
E fiz a casa dele,  
Encostada ao canto do muro.

E na parede da casinha  
Escrevi, com pincel:  
Totó.

E pensei: o que ele come?  
Peguei um prato  
Fui até a panela  
E vi um resto de arroz.

É isso.  
Enchi o prato e dei-lhe de comer.  
Não quis!!!

Peguei uma vasilha de sorvete  
E coloquei água limpa.  
Bebeu tudo.  
Coloquei mais.

E agora?!  
Já estava ficando de noite.  
Peguei o sabonete:  
O mais cheiroso da minha mãe.

Ela nem viu!

Enchi um balde grande  
E dei-lhe um banho.

Enxuguei o corpo dele  
Com minha camisa,  
Ficou muito feliz  
E eu também.

Então, eu disse outra vez:  
– Come, Totó!  
Come!

Não comeu!  
Está com febre?!  
Segurei a testa dele por um tempo.  
Parece que não...

Já estava escuro.  
Ouvi o chamado de minha mãe.  
Fui tomar meu banho.  
– Agora você vai jantar  
E fazer sua lição.  
Ela disse.

Comi rápido.  
Deixei a carne para ele.  
Fui lá e dei-lhe:  
– Come, Totó.  
Não quis!!!

Peguei uma toalha limpa  
Cobri o corpo dele.  
Dei-lhe abraço e beijo.  
Falei: “Boa noite!”

Esqueci-me da minha lição  
E fui dormir  
Pensando nele.

No outro dia, era domingo.  
E eu tinha muitos planos  
Para ele e eu.

Acordei cedo,  
Fui cuidar do meu Totó.

A casinha estava vazia!!!  
O arroz e a carne

Ficaram lá.  
E o cheiro dele também.

E o Totó?!!!  
Que tristeza!...

Se vocês encontrarem  
O Totó por aí,  
Saibam que ele é meu!

**A ponte**

Uma,  
Duas,  
Três,  
Uma depois da outra,  
Em fila.

Seis,  
Sete,  
Oito,  
Dezoito.  
Não consegui contar mais!

Vinham tantas!  
Uma multidão delas.  
Todas avermelhadas  
E cabeçudas.

As cabeças  
Iguais a corações  
E maiores que as bundas.  
Seis pernas,  
Cinturas finas.  
Todas avermelhadas.

Nas cabeças.  
Tinham pinças  
Que seguravam pedaços  
De folhas verdes.

Não é mentira:  
Pedaços maiores do que elas.

Meu Deus!  
Pedaços das folhas do pé de laranja  
Da minha mãe!

Vinham pela estradinha que fizeram,  
Desciam pela parede do buraco fundo  
E subiam do outro lado.  
Todas muito fortes.  
Fortíssimas!  
Mais do que os meus heróis...

Quando tentei pegar uma  
Feriu, com a pinça,  
O dedo da minha mão.

E a outra mordeu

O dedo do meu pé!

Ai, ai, ai!!! Que dor!...  
Vi o sangue... Que bravura!...  
Porque atrapalhei o trânsito?!  
Deve ser.

Mesmo assim,  
Eu quis ajudá-las.

Consegui uma tábua  
E fiz uma ponte sobre o buraco.

Então eu disse:  
– Formigas! Venham pela ponte!

Algumas vieram,  
Mas desistiram logo.  
Não é medo de altura, eu sei.

Não aprovaram a minha ponte!

Eu tinha sete anos,  
E foi a última vez que fiz uma ponte  
Para formigas!

E eu disse a elas:  
– Vocês ainda não me entendem!

Agora sei que a vida delas  
É diferente da minha.

## A garça

Era o meu ser criança  
Curiosa  
Muito curiosa  
Conversava com os bichos

E a garça

Era garça diferente  
Vinha no fim do entardecer  
Trazer o mistério do encanto  
Das noites da minha vida

Ao pé de plantas majestosas  
À beira do lago espelhado  
Dos meus sentimentos

Exibia sua majestade

Permanecia quieta  
Pensativa  
Por um tempo

Depois abria asas enormes  
Parecia querer me abraçar

E sua plumagem macia se mudava  
Em muitas cores  
Dos sonhos de minha infância

O levíssimo movimento  
Que fazia  
Era o das nuvens brancas  
Ou da lua  
Indo embora  
Para dentro das minhas vontades

Vinha muito perto  
De mim

Eu via os detalhes dos seus olhos  
De cristais adiantados

E seduzia-me  
A amá-la, por assim dizer.



## A gata e o gato

Era uma vez...  
Numa casa feliz  
Da minha infância,

Havia uma gatinha  
De olhar bonito  
E pelo pintado de preto,  
Com branco,  
E amarelo.

Fazia minhaaau!...  
E vinha perto de mim  
Pedir carinho,  
Com o rabo levantado.

Com o tempo,  
A gatinha cresceu,  
Linda e carinhosa.

Meu pai dizia:  
– Não maltrate a gata!

Ela nunca me mordeu,  
Só me lambia...  
E ganhava beijo meu.

Era bom  
Passar a mão  
Na barriga quente  
Da gata  
E dar a ela  
Um pouco de leite.

Eu a perfumava  
Com os frascos da minha mãe,  
Escondido dela, é lógico!

Mas um dia...  
Lá apareceu um gato:  
Foi no mesmo dia  
Em que a gata sumiu!

E bem tarde da noite,  
Acordei com vozes esquisitas  
Parecidas com as de crianças,  
A conversarem bem alto,  
No telhado.

Tive medo,  
Mas meu pai me acalmou:  
– É a gata que fala com o gato.  
Ouça, é normal!

(ELA) – Náãã!!!  
(ELE) – Uááá!!!  
(ELA) – Quééero!!!  
(ELE) – Véeeinnn!!!  
(ELA) – Bááãumm!!!  
(ELE) – Uééeu!!!

Nem ela, nem ele  
Nunca mais...  
Voltaram lá em casa!!!

Era uma gata  
Feliz...  
Eu penso, até hoje.

E eu também,  
Fui feliz com ela...

Mas foi ingenuidade minha!  
Se eu soubesse,  
Eu teria imitado o gato,  
E a gata ficaria comigo,  
Para sempre.

**Primeiro ensaio**

Silêncio.

(ELA)

– Olhe para mim.

O que você está pensando?

Diga-me alguma coisa!

(ELE)

– Falo e você responde?

(ELA)

– Sim. Mas você jura que me ama?

(ELE)

– Juro. Comece!

(ELA)

– Fique comigo,

Se me ama,

Ou vá embora

Para sempre!

(ELE)

– Vai começar tudo de novo?

(ELA)

– Você não me entende mesmo!

(ELE)

– É claro que entendo.

Se seus sonhos

Completarem os meus,

Ficaremos juntos

Para sempre.

(ELA)

– Eu já sei disso!

Devemos

Olhar para o futuro

Juntos,

Todos os dias.

(ELE)

– Olho e planejo.

Se eu não fizer

Grandes projetos de vida

Com você,

Minhas esperanças

Vão desaparecer  
Mais cedo  
E eu vou morrer  
Mais cedo também.

(ELA)  
– Nunca vi nenhum projeto seu!  
O que penso ou sinto  
Nem sempre  
É o que você pensa ou sente  
E, por isso,  
Precisamos conversar.

(ELE)  
– Estamos a conversar, não?  
Se você fosse o pano  
E eu fosse a linha,  
Eu compraria  
Uma agulha de ouro  
E costurava  
A sua vida  
Na minha.

(ELA)  
– O que é o amor?  
Você leu isso aonde?  
Decorou?  
Prove que me ama.

(ELE)  
– Falei o que sinto e provo meu amor!

(ELA)  
– Tire sua mão atrevida da minha perna!  
De mãos dadas apenas!

(ELE)  
– Saiba do meu amor por você.  
Pode me chamar quando quiser.  
Ainda vai acreditar em mim!  
Estou indo embora.

Afastou-se e foi,  
Mais uma vez.

## Lobos

Toda tarde,  
quando o vermelho Sol  
está indo embora  
para dentro da escura noite,  
um velho conta  
muitas histórias para as crianças.  
Eu sei uma história  
que ele contou a seus pequenos netos:  
“Dentro de mim há alguns animais.  
Há dois fortes lobos, por exemplo.  
Um diz-me muitos maus pensamentos.  
Ele usa horríveis sentenças, horríveis palavras.  
Ele quer que eu seja uma falsa pessoa, a vingança,  
a raiva, a tristeza, a preguiça e o medo...  
E o medo enche minha alma.  
Então o outro lobo vem e ele diz-me bons pensamentos:  
– O amor está em sua alma;  
Você é capaz de crescer para sempre;  
Mas estude, trabalhe, pense, durma;  
Coma boa comida, beba água limpa, e respire ar puro;  
Ame todas as pessoas com seus olhos abertos ou fechados;  
Tenha tempo livre e faça boas coisas;  
Você é muito forte;  
Sua mente e seu corpo têm uma perfeita saúde;  
Você é uma maravilhosa criatura da Natureza;  
E você será muito feliz com uma bonita história de vida;  
Mas não se esqueça: acalme sua voz e aguçe os sentidos.  
Há dois lobos dentro de mim.  
Algumas vezes eles se atacam durante horas e horas,  
até que o lobo bom vence o lobo mal – por mais um dia.”

## A fada e o fado

Era uma vez...  
Um anjo feiticeiro  
Da imensa possibilidade  
Disse para a terra:

– Aí estão o fado e a fada!  
Acolha e cuide dele e dela.  
Dê-lhes os melhores de seus frutos.

E os pedaços da terra onde pisavam  
Moveram-se...  
Até que ficaram  
Um frente ao outro.

O feiticeiro, então,  
Aumentou a energia de cada um  
E disse a ambos:

– Aceitem-se mutuamente!  
É o encontro de suas almas:  
São gêmeas.  
E realizem os planos de seus fadários!

Contemplaram-se por instantes  
Silenciosos.

Mas foi embora  
A fada...  
E o fado ficou só.

Ficou, também,  
Uma energia arrepiante  
Que a fada deixou para ele.

– E o tempo, e o tempo!?!...  
Perguntava a memória do fado  
A mando das esperanças.

Não sabia ele que se revelariam vivos  
E cúmplices,  
A se esconderem e adormecerem  
Cada qual sob seu manto.

De repente,  
O tempo respondeu ao fado:  
– Sou o tempo de vocês.  
Acorde!... E vá...  
A fada está à sua espera.

Então,  
A energia arrepiante  
Transformou-se em encantamento.

Já se conheciam!  
E sem haver propósito,  
Vigiavam um ao outro,  
Como crianças ciumentas!

Neste momento,  
A terra perguntou ao tempo:  
– E as vontades  
Da fada e do fado?

– São as mesmas  
Percebidas  
No projeto deles.

Respondeu o tempo.

Aí a terra e o tempo...  
Ouviram a conversa do fado com a fada:  
– Vem!  
Chamou o fado.

A fada se aproximou dele  
E se foram...

Ninguém sabe  
Como, para onde, nem aonde.

## **Pesadelo**

O que posso dizer é isso.

Meu pai, meu irmão e minha irmã não estavam em casa porque estavam viajando. Fiquei em casa com minha mãe.

Dormi cedo e acordei às seis horas em ponto. Eu me lavei e vesti minhas roupas de uniforme para a escola.

Era minha rotina e, depois que cheguei à porta de saída, lembrei-me de que deveria dar um beijo em minha mãe. Entretanto, quando entrei no quarto dela, fiquei assustado porque ela não estava lá. Chamei por ela, mas não ouvi nada. Chamei outra vez e, nada! Então procurei por ela em todos os lugares dentro e fora da casa, mas não a encontrei. Onde minha mãe poderia estar?

Fui até o supermercado próximo. Entrei e não vi ninguém! O problema estava ficando pior porque eu não encontrei ninguém na rua nem dentro do supermercado. Se o supermercado estava aberto, por que não havia ninguém lá?!...

Eu fui correndo para a escola e lá, não vi nenhum dos meus colegas, mas a escola estava aberta. Eu pensei que não houvesse aula, mas naquele dia não era feriado.

Voltei correndo para casa e entrei no meu quarto. Chamei por todas as pessoas que eu conhecia, mas ninguém me atendeu.

Os cabelos de todo o meu corpo estavam muito arrepiados e comecei a chorar.

Subitamente, minha mãe acariciou minha face e me disse: “É um sonho, eu estou aqui. Dorme”.



## Abraço de pai

Minha mão se solta da mão do meu pai no meio da multidão. Todas as pessoas desaparecem rápidas e fico só. É noite escura e o lugar onde estou me é desconhecido e estranho. Os estalos dos raios de fogo e trovoadas me amedrontam e anunciam chuva forte. Os muros de pedras longos e altos cercam as casas de portões fechados. Na distância, uma luz amarela no alto de um poste me mostra uma casa amarela de telhas de barro e o muro de pedras caído. É possível que tenha três centenas de anos.

Os primeiros pingos da chuva caem fortes sobre mim. Piso por cima das pedras do muro e me protejo debaixo da varanda da frente. Bato à porta umas três vezes, mas ninguém aparece. Encosto-me à porta e encolho meus braços.

A fugir do vento frio, eu empurro com as costas, sem querer, a grande porta e ela se abre rangendo, vagarosamente.

Tudo está cinzento. Dou um passo para dentro e tropeço numa cadeira caída ao chão. Meu coração dispara. Mal vejo uma mesa grande e cadeiras antigas. Sobre ela, encontro duas velas e um fósforo. Então eu acendo as duas, deixo uma perto da cortina, e tudo fica mais misterioso.

Velhas pinturas de cenas de guerra estão nas paredes altas. Um soldado da pintura olha para mim e eu olho para ele, mas seus olhos estão muito tristes. Talvez seja porque ele tenha sido morto ainda jovem, – eu imagino.

No fundo da sala, há um longo corredor aonde eu vou, com a vela acesa na mão. Passo por sete portas fechadas a olharem para mim. Tenho medo de que uma se abra, de repente. E chego à cozinha grande. Coloco a vela sobre a mesa onde há pratos, facas pontiagudas e pedaços de pão embolorados. Arregalo meus olhos, mas só vejo a escadaria escura de acesso ao andar superior.

Ouçõ passos pesados a descerem a escada e, minha respiração fica ofegante... Uma voz chama pelo meu nome!... O som dos passos aumenta e meus cabelos e todo o meu corpo estão muito arrepiados... Vejo línguas de fogo no corredor, como serpentes azuis e vermelhas. O cheiro da fumaça me sufoca e eu não posso voltar! A voz chama pelo meu nome outra vez, enquanto estronda mais um trovão e a chuva fica mais forte.

Solto gemidos de medo e sinto a mão do meu pai a enxugar o suor do meu rosto. Ele me abraça e diz: “Estou aqui! O que foi que sonhou?...”. Dormi novamente e é disso que me lembro.

## Maria e Mariana

Maria e a pequena Mariana moravam numa floresta distante, no alto da montanha. Criavam cabras e abelhas e colhiam castanhas silvestres. O vento murmurava, a agitar seus longos cabelos, nas manhãs ensolaradas. Com os queijos do leite das cabras, o mel e as castanhas, esperavam que viajantes viessem às compras.

O céu estava sempre cheio de surpresas. As nuvens eram grandes bichos. Mostravam enormes cabeças, bocas abertas, olhos, orelhas, chifres, pernas e caldas, em lentos movimentos de transformação.

No final das tardes, as nuvens amadureciam e derramavam chuva boa.

O sol amarelo ficava a vigiar as aves a brincar... de volta aos ninhos. Depois, ele ia se avermelhando, até ser engolido pela escuridão da noite e se explodir e se transformar em estrelas.

Então, do outro lado do mundo a lua surgia... e subia no céu, a mostrar sua cara metade para as pessoas e animais da Terra.

Todas as noites, Maria, a mãe de Mariana, contava-lhe histórias.

Na descida da montanha, há uma caverna misteriosa. É a caverna das pedras cor de rosa e vermelhas.

A avó Ana nasceu e viveu lá, naquela caverna, há muitos anos. Ela, também, criava cabras, abelhas e colhia castanhas. Era encantadora. Dizem que seus grandes cães de caça vigiavam a entrada da caverna.

Um dia, quando Ana retornava da colheita, encontrou um viajante – jovem forte e, lindo. É certo que Ana o levou à caverna para viverem ali, encantados um com o outro. Tiveram uma filha e deram-lhe o nome de Maria. Mas, um dia, ele não voltou mais de uma viagem!... Tempos depois, Ana morreu de tristeza e Maria ficou só!

Maria ficou só na caverna, até outro viajante jovem forte e lindo encontrá-la e se encantarem.

Foram para o alto da montanha e, lá, construíram uma casa de pedras coberta com folhas de coqueiros. Depois nasceu Mariana e ele também não voltou mais da viagem!

Mariana, surpresa e interrogativa, ouvia tudo em silêncio... Imaginava figuras de um avô, uma avó, um pai. Dormia e sonhava – com eles, nuvens, bichos, abelhas e mistérios da caverna.

Mariana tinha seis anos e se desenhava entre a mãe e um pai e, depois, fazia perguntas à mãe: “Há princesas e príncipes na caverna? Eu posso ir lá? Onde está meu pai? Ele chega amanhã?”

Mãe Maria respondia à filha: “Ele foi um príncipe. Espero que venha outro... mas é muito perigoso ir à caverna! Você precisa crescer para ir lá.”

Mariana era uma menina muito linda, tinha um pai na imaginação e queria ser feliz.

## Carta a meu Amor

O amor,  
Meu Amor,  
Nasce antes da saudade  
Que te declaro  
E resta-nos o presente  
Das nossas presenças vivas.

Mas quando as circunstâncias o impedem,  
Meu amor!

O fado e a fada se apropriam de nossas crianças,  
A menina e o menino, que tanto querem um ao outro,  
Porque nosso sentir e o nosso fazer de hoje  
São a única brincadeira que lhes resta!

Então é assim que as nossas crianças  
Dizem uma à outra:

“Lindo e gratificante  
É quando tu louvas  
As minhas realizações  
E eu me encanto com as tuas,  
Sonhando e compondo  
As nossas canções.

Chega um tempo  
Em que nossas palavras não bastam  
E meu olhar não consegue esconder  
Do teu as minhas carências,  
Nem o teu,  
Dissimular as tuas do meu!

Vem que eu me entrego às tuas correntes  
E me leva por teus caminhos  
Em qualquer tempo,  
Antes que o tempo se vá,  
E nada de nós  
Prevaleça!”

**Depois**

Sobre as cinzas sobrepostas  
Às angústias da minha solidão  
Tu semeaste férteis grãos de esperança  
Depois que o teu olhar  
Encantou o meu

Tu fizeste reacender  
O fogo dos meus desejos  
Depois que o teu olhar  
Penetrou o meu

Em noites bem prolongadas  
De sonhos quase verdades  
Na imensidão da negritude dos céus  
Onde moram milhares de estrelas  
Tu te tornaste a Principal  
Depois que o meu olhar  
Ficou preso ao teu

Tu me levaste a oásis  
De longínquos desertos  
Para que vivêssemos juntos  
O puro e sacramentado Amor  
Depois que o teu olhar  
Se amarrou ao meu

Nas montanhas misteriosas  
Das florestas encantadas  
Nas mais purificadas fontes  
Onde vivem deuses do Amor  
Tu me prendeste aos laços teus  
E por inteiro te consagraste  
O imenso Amor dos sonhos meus.

E eu  
A confiar no Amor  
Como a criança  
Confia noutra criança  
Fico aqui a contemplar  
O pôr do Sol  
E a Lua cheia a subir aos céus  
Numa interminável prece  
Para que Deus  
Enlace a tua vida na minha,  
Só por que  
Depois que o teu olhar  
Cativou o meu  
Não posso mais viver sem ti.

## **PARTE II**

### **Da existência e crítica social**

## Reminiscências

Não me lembro do momento  
Em que nasci!

Depois me disseram  
Que foi  
Num ano de farta colheita,  
E hoje me sinto parte dela.

As lembranças  
São as de três anos,  
A mostrar meus três dedinhos  
E me sentir importante!

Então agradeço,  
Muitíssimo!...

Ao Deus,  
De todos os deuses,  
Pela vida instalada em mim.

Muitíssimo!...  
Aos meus ancestrais  
Dos quais,  
Há lembranças ou não,  
Pelo amor,  
Materializado assim,  
Como me sinto  
Ou sou sentido:

Com meu coração manifesto,  
Nas relações sociais,  
E na produção intelectual,  
Constatada pelos escritos.

Muitíssimo!...  
Aos meus contemporâneos  
Com os quais,  
Aprendo todos os dias  
E partilho  
Raivas, medos, tristezas,  
Amor e alegrias...  
Em projetos,  
Bem pensados e sentidos.

Mesmo assim,  
A luta maior  
É com a solidão,  
O vazio entre mundo e eu,

Eu e as pessoas,  
Eu e eu.

## A paixão

Um dia...

De repente,  
Veio uma paixão  
E penetrou meus sentidos  
E se instalou dentro do meu coração.

Ficava, insistentemente,  
A me provocar...  
A me seduzir:  
O tempo todo.

Mostrava-se toda,  
Com muita beleza e graça.  
Depois,  
Num instante ia embora  
E nunca perguntava  
Se meu coração  
Chorava aflito,  
Ou amava,  
Mas tudo isso celebrava.

Ela não deixava tempo  
Para o meu pensamento fluir,  
A me convencer...  
De que o amor existe.



## Culpa

Não adianta  
Essa culpa tão culpada  
Essa cara disfarçada  
Que pra mim não mente mais

Chegue mais perto de mim

Por que...  
Porque sua luz  
Ilumina meu caminho  
E nele me conforto

Não adianta  
Essa culpa tão culpada  
Na aparência social mais disfarçada  
De festejos de outros pares  
O seu olhar  
Faz uma festa para o meu

No silêncio ou barulho  
De vigias atrevidas  
O seu olhar  
Faz outra festa para o meu

Isso faz parte da vida  
Coração solitário é tristeza  
Amor nunca é proibido  
Amar não é pecado  
Foi isso que aprendi

Não adianta  
Essa culpa tão culpada

Por que...  
Porque na fantasia encantada do sonho  
Você vem na lua cheia  
E fica um tempo comigo

Faça do meu  
Um segredo seu  
Venha receber meu agrado  
Abraça o meu sentimento  
Descanse aqui no meu peito

Nessa culpa tão culpada  
Essa cara disfarçada  
P'ra mim não mente mais

Por que...  
Porque sei que sua vontade procura  
O mesmo que a minha quer

Não adianta  
O meu olhar  
Encanta-se  
No encantamento  
Do seu

Por que...  
Porque a melhor coisa do mundo  
É se iludir  
Com o feitiço do amor.

**Verbo *linguar***

“No seminário  
 A convite da moçada,  
 Vejam em que estado ruim  
 Ficou o eu vexaminoso  
 Ou verbo *linguar*”:

Apresentei  
 E palestrei.

*Slide 1*

[Dizem que ele  
*Linguar* é verbo de ação  
 Mas não é correto não.  
 A palavra certa é linguajar,  
 Para gente da elite  
 E também lá da ralé.]

*Slide 2*

[*Linguar* é um problema  
 Ou solução  
 E é verbo universal,  
 Muito bom de degustar.  
 Vai com sal,  
 Vai com doce,  
 Língua linguíça quente,  
 Língua favo de mel.]

*Slide 3*

[Eu *linguei*,  
 Tu *linguaste*,  
 Ele *língua*,  
 Ela também.  
 Nós *linguaremos*,  
 Vós *linguareis*,  
 Eles, elas *linguarão*.  
 E Você, Vocês?]

*Slide 4*

[*Linguar* é ação infinitiva,  
 Válida para os três tempos.]

O linguajar é nome de ação.  
*Linguando* é ação iniciada  
 E não terminada.  
*Linguado* é ato acabado  
 Com boa ou má sensação.  
 (Não é o da culinária!)]

*Slide 5*

[Se *linguar* é muita ação,  
 E o linguajar é só conversa,  
 Este é necessário  
 E muita ação é essencial.]

*Slide 6*

[*Linguar* é ação privativa,  
 Peculiar aos *linguantes*.  
 Cada qual *língua* como sabe e pode.]

*Slide 7*

[O linguajar é individual ou grupal.  
 Este é sempre liberado  
 Mas *linguar* é ação restrita,  
 Muitas vezes proibida.]

“São vocábulos bem complexos,  
 Eu sei.  
 Expliquei isso claramente a todos no auditório,  
 Distribuí microfones à plateia  
 E indaguei insistentemente...”

*Slide 8*

[Qual deles faz mais efeito  
 – *linguar* ou linguajar?]

“Todos aplaudiram a pergunta  
 Mas ninguém deu  
 Nem resposta nem opinião.  
 E riram com ironia  
 Do verbo *linguar* ou de mim?

Que vexame!”

## A sedução

No contacto dos sentidos  
E sensações provocadas,  
A razão resiste à aproximação.

E o pensamento, os gestos,  
O ouvido,  
A visão,  
O tato,  
O cheiro,  
E o gosto:  
Tudo sente a pessoa encontrada.

O coração festeja...

Mas a razão,  
Esta  
Resiste nos momentos iniciais,  
No primeiro dia...  
Segundo, terceiro...  
E sétimo.

Na despedida,  
Fica um vazio desconfiado  
Que a razão nega!

Mas um coração diferente  
Sente um aquecimento  
E insiste!

– Será que a memória dos sentidos  
Não é inteligente?...

Engano nosso.

À noite,  
Quase no sono...  
Ou em plena luz do dia,  
Ela manda aquelas imagens do Bem  
Atormentarem a consciência...

Na imaginação,  
Das pessoas  
Pequenas e grandes,

Com todas as possibilidades,  
Cresce uma vontade intensa  
Que busca longe, muito longe...

Durante muito, muito tempo...

O encantamento da sedução.

Isto dá ciúmes...

E o social proíbe,

Mas o individual permite.

E, por isso,

A razão e o coração

Lutam durante dias e noites inteiras...

Até que o segundo

Vence a primeira.

Então,

O vencedor se declara:

– Meu amor é seu.

Se o coração não gostar,

Não há problema:

Foi uma tentativa!

Mas se gostar,

O amor se instala...

E aí, vem um delírio.

Isso é bom demais,

Extasiante e abrasador!

Não acontece sempre!

Quando for o seu caso,

Tenha a certeza

De que vem animação,

Vibração,

Euforia

E contentamento.

Porque

Se você estiver bem,

Melhora.

E se estiver doente,

Sara.

**A mulher**

A mulher  
Única,  
A primeira,  
A fada:  
A minha mãe.

Mãe guia,  
Aconchego,  
Consolo,  
Energia quente,  
No meu destino.

Mãe mistérios...  
Que não desvendei.

Foi ela quem me disse:  
– Eu amo você,  
Mas vá ao mundo!  
E enamore-se  
De outra pessoa.

E foi embora!...  
E agora,  
A outra pessoa?

Que eu quero tanto,  
E retira de mim  
A energia quente  
Que minha mãe deixou em mim.

Digo-lhes a todos:  
– Não sei ainda,  
Por que minha mãe fada  
Deu-me tanta liberdade  
Pra eu aceitar  
Outra pessoa  
Que me traga tanto  
O que a minha vontade quer.

Mãe,  
Mistério de mulher.

Não me disse  
Quem!

Mas de vez em quando  
Nos meus sonhos vem...

E ordena-me:

– Vá e seja muito feliz

Com a pessoa...

Que seja

*Um* grande amor

Da sua vida.

Diz melhor ainda:

– Este *um* grande amor

É *um*

Indefinido...

Não precisa ser eterno:

Pode ser *outro*.



**A espera**

– Você me espera?!

– Espero.

– No mesmo lugar de sempre...  
E no horário de sempre, hein!  
Você vai ganhar um beijo!...  
Beijo!...

– Espero.  
E você vai gostar do meu presente.  
Beijo!...

Ceguei bem antes.  
Alegre.  
Esperei...

Contei o tempo regressivo.  
Bem feliz.

Faltava um minuto  
Apenas.  
Muito feliz!

Tempo exato.  
Feliz sem medida...  
Venceu o tempo!!!

Meia hora depois...  
E ninguém!

Abandono!  
Solidão!  
Tristeza!...

Acordei com animação.  
Olhei minha cara no espelho:  
De bem comigo.

O que foi que sonhei de novo?...

Tomei café.  
E só vieram  
As lembranças boas...  
Do meu *Amor*.

Éh!  
Foi um dia lindo...

Para me dedicar mais  
Ao trabalho.

## **Ingenuidade**

– Meu bem,  
Estou com saudades!...  
De você.

– Eu também!

Quando estivermos juntos,  
Vai ganhar um beijo meu!...  
Amanhã cedo eu vou aí.

– Preciso do seu abraço também,  
E do seu carinho.  
Eu amo você.

– Beijo!...

– Beijo!...

Ceguei cedo no trabalho.  
Esperei...

Depois do anúncio da chegada,  
Postou-se à frente da minha mesa  
No escritório.

Sentou-se.  
Cruzou os braços.  
E as pernas,  
Também.

Olhou para mim,  
Demoradamente,  
E disse, balbuciando:

– Quanto tempo!  
Você está bem?

– Sim, feliz!  
Porque você chegou.  
Feche a porta!

Não fechou!

E disse em voz baixíssima:

– O que vão pensar?!  
Podem desconfiar que você  
Me ama!...

Rompido o constrangimento,

Perguntei:

– Gostou do presente?

Respondeu:

– Gostei.

E continuou:

– Depois eu quero falar...

Umás coisas com você.

Depois... Você me liga.

Beijo.

E foi embora.

Sem me tocar um dedo,

Nem me dar um beijo,

Pelo menos, na cara!

Liguei muitas vezes,

E ouvi:

– *Este número*

*Está programado*

*Para não receber ligação!*

A sentir essa dor,

Muito doída,

Magoei!

Não liguei mais.

Depois veio o alívio –

Um vexame:

Digitei o número errado,

Nunca mais vou gostar desse numeral!...

Do correto

Só agora me lembrei!

**A presa**

Meu bem  
Meu amor  
Não minha presa  
Nem refém  
Presa ao meu amor  
Nem presa  
Por meu amor

Presa  
Pela natural vontade  
Pelo impulso da decisão  
Da razão do coração  
Não sei ou pode ser

Mas vem  
E de mim  
Por completo se envolve  
Com um desejo imenso  
E sem medo

Põe-me a esperar  
E o que deseja  
É o mesmo desejo meu

Então  
O tempo vai  
E fico sem espaço  
Para Meu Bem  
Que entra no que sinto  
E penso  
Até

Que dele me torno  
A presa

## Mentiras

– Bem!  
 Quero que tu chames assim  
 – Meu Bem!

Dentre tantos outros manifestos  
 Teus  
 E meus,  
 Estes não são mentiras.

Tu,  
 Ao me dizeres  
 – Eu te amo muito,  
 Estás a me pedir  
 – Quero muito que me ames muito.

Eu,  
 Ao te falar  
 – Eu te quero muito,  
 Estou a te implorar  
 – Quero muito que me queiras muito!

Tu,  
 Ao me dizeres  
 – Fica perto de mim,  
 Estás a me suplicar  
 – Deixa-me ficar perto de ti!

Eu,  
 Ao te falar  
 – Eu vivo só para ti,  
 Estou a te rogar  
 – Quero muito que vivas só pra mim.

Dentro de tantos outros manifestos  
 Meus e teus,

Meu Deus!

Os meus  
 Deviam vir de ti  
 E os teus,  
 De mim!

## Tristezas

Era uma vez  
 O meu olhar captava o seu  
 E a sedução do seu olhar dizia ao meu  
 Venha aqui – fica bem perto de mim

O encanto e a luz  
 Do seu olhar cativavam o meu  
 E todos os dias eu procurava um motivo  
 Pra você gostar de mim

E você  
 Vinha ao vivo  
 Com seu jeito cativante  
 Abordava-me deslumbrante  
 Fazia-me um pedido de criança  
 E a mais ousada promessa também

Crescia minha vontade de ter um Bem  
 Por inteiro e verdadeiro – consagrado no amor  
 Com segredos e um projeto abençoado por Deus

Mas no amargo contar do tempo  
 Suas mãos se distanciavam das minhas  
 Vinham-me as tristezas quando não sorria para mim  
 Só diante das proezas da minha criança  
 Então ria de mim!

E o projeto  
 Que eu pensava ser o nosso  
 Era um fio fino e fraco – sem dobras  
 Nem enlaces – sem o encantamento das cores  
 Que só as bênçãos do amor sabem compor – sem tempos  
 Nem espaços de maturação

Então o projeto – que eu pensava ser o nosso  
 Ficava no passado – sonho já sonhado  
 Pois um dia você por escrito me dizia  
 “O projeto que eu [...]”  
 Está paralisado  
 Encontrei muitas dificuldades [...]”  
 Sinto-me incapaz [...]”

Fatalidade – “O projeto que eu...”! ou ‘que nós’...?

“Onde dois estiverem em meu nome  
 Ali estou no meio deles.” (Mt. 18,20).

Imagine se fosse ‘que nós’...?

## Escolhas

### *Tomo I*

Eu acreditei que tu fosses  
 Minha companhia honrada  
 E amada  
 E eu a tua  
 Que tu adivinhasses  
 Todos os dias  
 Meus desejos e minha imaginação  
 Que tu saciasses as minhas vontades  
 E eu as tuas  
 Que tu partilhasses comigo  
 A mesma filosofia de viver  
 As estratégias de conhecer  
 As celebrações das minhas conquistas  
 E eu das tuas  
 Que tu enchesses de paz o meu coração  
 E eu o teu  
 Que tu louvasses os meus projetos  
 E eu os teus

Eu me lembro de todas as tuas promessas  
 Das palavras que pareceram verdadeiras  
 E dos fatos autênticos  
 Na tua mais pura intimidade  
 E tu me aceitaste  
 Com minhas limitações  
 E eu te aceitei com as tuas

Depois eu me mergulhei no tempo  
 Fiz meu currículo profissional  
 Elevei-me do meu status social  
 O meu poder institucional  
 E a minha intimidade  
 Ficou carente doente  
 E eu abandonei  
 A mim  
 E a ti

### *Tomo II*

Até que um dia  
 Recebi um recado malcriado teu  
 Em forma de figura documental  
 No qual tu vieste  
 Nas atitudes de



*des*

-graça -crença -crédito -confiança

Para me provocares e provares

Que fatos da nossa história

Que é só nossa

Foram

*in*

-verídicos -consistentes -acreditáveis

Por algumas horas

Perdi

O chão que suportava meus passos

O respeito pela minha cara

A honra da sinceridade

A minha autoestima

A vontade de viver

A minha identidade formada

A partir dos colos materno e paterno

Há tanto tempo longe

E que fora por inteiro

Tão bem amada

Lá na infância

### *Tomo III*

No dia seguinte

As vozes da minha sina

Disseram-me:

– Lembra-te dos teus valores

Desinfeta tuas feridas

E segue com os teus sentidos para o futuro

Haverá alguém à tua espera

Mas não lhes obedeci

### *Tomo IV*

Olhei outra vez a tua imagem na figura

E os comandos do meu fado

Advertiram-me então

– Pode ser que tuas escolhas

Tenham sido

*in*

-verídicas -consistentes -aceitáveis

E concluíram

– Ninguém consegue amar

Se antes não tiver recebido amor  
O vosso amor está acima das vossas culturas  
E das leis das conveniências terrenas

Cada uma das vossas renúncias ao ato de amar  
Gera as feridas da morte  
Enquanto os vossos tempos passam

E digo-vos mais

Quando um de vós se puser frente a outrem  
Mesmo que mintais para vós mesmos  
Haverá uma energia determinante  
E nenhum de vós resistirá

Podereis fingir e sofrer  
Durante a ida do tempo de cada um  
Ou romper as amarras  
E ser quem quer que sejais

Mas estes pareceres são meus  
E as escolhas são vossas

## Cantiga romana

### *Tomo I*

Sou notícia de jornal

Local:

*O lado oposto ao cabo da faca*

Não sou criança.

Sou o lado esquecido da sociedade civil.

Criança,

Na escola Municipal?

Não: menor fora-da-lei

Na inclusão antissocial.

A mãe?

Não sei.

O pai?

Nem vi!

Como é que vou viver?

Eu me aposso de produto

Do mercado ilegal

E me acusam de infrator.

Eu vou à escola gratuita

Conquisto clientela fiel

Mas me transferem outra vez.

Eu repito o ritual

E meu poder se expande

Com a proteção do Estatuto

Vem uma viatura,

Apreensão e entrevista.

Na desgraça da prisão,

Cumpro medidas

De antissocialização

Até a liberação.

Mas preciso do mesmo dinheiro,

Que compra isso e aquilo,

O bem e o mal.

Aprendi com um padrinho

Da *Casa da criança*,

Parceiro meu,

Um dos chefes do poder

Que mascara seu dever.

A ajuda do parceiro  
 Deu-me cargo de chefia da gangue  
 Conquistado  
 Na tentação do Diabo,  
 Na meleca  
 Do sangue da concorrência

Eu rejeito desaforos,  
 Sou pontas de punhais,  
 Tiros de metralhadoras  
 Habilidades plurais.

*Tomo II*

Chegou minha maioridade.  
 Ficou na mão dos delegados,  
 O documento que eu tinha  
 Chamado identidade.

E agora não tenho sorte,  
 Fugi muito da polícia,  
 Com sensação da fuga,  
 E desejo de liberdade.

Mas agora em pena condicional,  
 A trabalhar duro na rua,  
 Com cinta de controle acima do pé,  
 Sinto ameaça da morte.

No sono atordoado da noite,  
 Vem mais ordem no ouvido,  
 E no dia seguinte eu me viro,  
 E mato mais  
 Um ou dois no tiro,  
 Com arma silenciada  
 Ou superdose avançada.

Meu corpo foi encontrado  
 Na manchete do jornal local:  
*Reação policial mata chefe de gangue*

Falo agora do Inferno,  
 Não deu certo o destino  
 Que o Estatuto traçou para mim.

*Tomo III*

Não sou visto em jornal,  
 Eu trabalho a vida inteira,  
 Para ajudar no que comer,  
 Pago juros e prestações.

Eu estudo quando posso,  
 Eu pago imposto bastante,  
 No contrato me esforço.

Do povo sou maioria,  
 Brasilidade errante,  
 Da mestiçagem sanguinolenta,  
 Do soluço engolido,  
 Pelo ouro usurpado.

Na ignorância os eleitores  
 As mudanças querem intensas,  
 Mas depois do voto,  
 Não cobram de seus eleitos.

O ministro da Saúde  
 É engenheiro graduado  
 E na pasta da Educação,  
 Tem administrador formado.

O povo tem esperança  
 Não na rotina da vida.  
 Ela muito acontece  
 Nos dias antecedentes  
 A cada eleição,  
 E na divina recompensa  
 Prometida nas igrejas.

*Tomo IV*

Sou manchete de jornal:

*Neto do ex-governador Ambrósio,  
 Ambrósio, 23,  
 O mais jovem  
 Deputado federal eleito.*

Com pai, mãe e avós,  
 Com passado, presente(s)  
 E futuro.  
 Meu pai paga a faculdade,  
 Mas não sou muito frequente.

Mandam-me concorrer ao pleito:  
Faço acordo com o nobre,  
E ganho o voto do pobre.

Na proposta de campanha,  
Eu peço votos na rua,  
Com muita educação.

A saúde é de todos  
E a segurança também.  
Não nego nada aos pobres:  
Dou-lhes tetos e mantimentos  
E é certo que os votos vêm.  
Compro meus próprios diplomas,  
E mando nas coisas públicas.

Eu vendo licitações,  
Guardo dinheiro do povo  
Em paraísos fiscais,  
Pois assim é garantida  
A previdência terrena.

Eu brindo oportunidades,  
Eu discurso nos eventos e plenários:

“Na política da honestidade,  
Luto pela democracia,  
Trabalho para o povo que amo,  
Dele recebo votos  
E a ele  
Prometo a prosperidade!”

Mas se me denunciam  
Por fraude ou corrupção,  
Meu avô me ensinou:  
Faço acordo com a justiça.

Quando a lei é bem pequena  
Acho saída por cima,  
E se a lei é muito grande  
Acho saída por baixo.

### *Tomó V*

Eu estudo a vida inteira  
Faço até pós-doutorado:  
Uma pesquisa ardorosa,  
Com resultados fantásticos.

Mas os doutores da lei  
Que cumprem ordem do rei,  
Adiam sua aplicação!

Herança da Velha Roma!

## A máscara

### *Tomo I*

– Podem ouvir?  
Então ouçam:  
– Não,  
Não posso querer nada,  
Nada do que a minha vontade quer?  
A minha necessidade  
Não é o que eu desejo.

Ela é o que vocês  
E os outros  
Receitam  
Que eu necessite.

Eu já sei:  
– Desejam-me como objeto descartável,  
Animal domesticado  
Pela ‘lei do estímulo-resposta’.  
Criatura ingênua,  
Plenamente submissa e condicionada.

As minhas manifestações emocionais,  
De amor e de alegria são permitidas  
Mas com muitas restrições  
Culturais e ‘educacionais’!...

Pior ainda:  
As de raiva, de tristeza e de medo  
São expressamente condenadas!

Foi assim,  
Desde a minha infância!

### *Tomo II*

Até o dia em que percebi  
Que eu não existia para mim,  
Mesmo que eu rejeitasse  
As imposições sociais,  
Locais,  
Internacionais,  
‘Legais’.

Obrigam-me  
Ao uso de máscara.



Com ela,  
 A minha cara  
 Não é a minha.  
 É a cara alheia  
 Do comportamento  
 Da pessoa produtora de ‘bens e serviços’,  
 Sem sentimento:  
 Centrada no pensamento ‘lógico’  
 E seco,  
 Sem utilidade nenhuma  
 Para o coração!!!

A minha cara social é a ‘lógica’  
 Da ideologia imposta a mim:  
 Produção de ‘mais-valia’  
 Para os donos do ‘capital’!

E o que é péssimo:  
 Meu pão de cada dia  
 Depende da obediência cega  
 A uma hierarquia:  
 Inquestionável!...

Então,  
 Faço o meu trabalho,  
 Mas com avaliação,  
 Sujeita a penalidades absurdas  
 Da competitividade de resultados,  
 Não de processos!

Se o sucesso é meu,  
 O mérito nem sempre é.

Se meu ‘status’ vier do cargo,  
 Perversos conspiram contra  
 Minha pessoa e habilidades,  
 Para assumirem minhas funções!

### *Tom III*

A vontade da minha vida,  
 Fica trancada no segredo  
 De um grande Amor que tenho!  
 Longe de condenações, cobiças, invejas e ciúmes.

Meu destino  
 É o berço do silêncio pessoal  
 E da solidão social.

Eu não declaro  
Assumir as escolhas  
Que deveriam ser  
As minhas,  
Em razão de penalidades  
Mortíferas!!!

Se eu ainda não aceitar a morte,  
Embriagam-me de desolação!

*Tomo IV*

Pergunto a vocês todos:  
– Por que  
Engolir tudo,  
Meu Deus,  
Das pregações institucionais,  
'Legalizadas', regulamentadas,  
De deuses  
Extremamente falsos?

Guardo os segredos deles,  
Se não cumprem juramentos,  
Nem guardam segredos meus?

*Tomo V*

Por isso,  
Eu grito...  
Com muita raiva:

– Vão vocês  
E outros deuses todos,  
Cada qual  
Para seu casulo  
Petrificado,  
Dourado e adorado!

E tranquem bem as portas  
E as janelas  
Que espiam as pessoas!

Mas deixem-me sair  
À porta do meu,  
Sem vigias  
De câmeras de investigação!

Nada de 'sociedade líquida'!

É dura e imutável,  
 Nas ambições de poderes,  
 Com sugestões de deveres  
 Impostos!

*Tomo VI*

Restam-me apenas  
 A minha armadura de guerra abstrata,  
 O meu cofre blindado de cuidados,  
 A minha cabeça, que lembra, pensa,  
 Voa em fantasias imensas...  
 E um coração inquieto,  
 À disposição do que e de quem  
 Dele necessita.

– Ouviram?

Dentro da minha armadura,  
 Imponho respeito  
 E posso usar as armas  
 Que eu mesmo crio.

No cofre,  
 Guardo segredos.  
 Na cabeça,  
 Lembranças, sonhos e projetos.  
 E, no coração,  
 O meu Amor,  
 Dado e recebido.

Da sociedade vulnerável  
 De ideologias enganadoras  
 Do Século 21,  
 Não faço questão nenhuma...  
 Nem me apego...  
 Aos encantos ou desencantos,  
 Espinhos, odores,  
 Sonoridades ou cores,  
 Sal  
 Ou doce.

Não me entrego a ninguém,  
 Nem a nada?...

Não:  
 – Entrego-me...  
 Ao meu grande Amor!

*Tomó VII*

Eu tinha um sonho  
De viver...  
Sem máscaras,  
Nem armas ou armaduras.

Não deu certo!

Enfim,  
Aprendo a me adaptar  
Para sentir a vida!

E saibam todos vocês...  
E os outros, também...  
Que não sou,  
Jamais...  
O contrário de mim mesmo  
Nem igual...  
À máscara  
Que me obrigam a usar!

## A mestiçagem

Eu sou gente crescida  
Nas lutas de classes  
Do Brasil afiliado  
Da cultura greco-romana  
Do meu povo ancestral

Viajei por aí afora  
Fui até a Portugal  
Lá não vi o sabiá  
E voltei à Terra nossa  
Pela sua identidade  
Domino o Português mestiço  
E escrevo o da cidade

Transeunte do Século 20 e 21  
Falo com quem escreveu  
Há muito tempo  
Com validade de agora

Tenho a veia mestiçada:  
José de Alencar,  
Da índia certa na flecha;  
José Bonifácio,  
Do romano na espada;  
Castro Alves,  
Do preto de força bruta;  
Rui Barbosa,  
Da negra mais encantada.

E são tantos:  
Carlos Chagas,  
Oswaldo Cruz,  
E Antônio de Salles,  
Da saúde;  
Mário Juruna,  
Do idealismo político;  
Drummond,  
Da arte insubordinada;  
Dumont, dos ares.

E tantas são:  
Meirelles,  
Do jornalismo;  
Antonieta de Barros,  
Da educação política.

E reticências (...)

## Sensibilidades

### *Tomo I*

As palavras faladas  
Nasceram de rosnados e grunhidos,  
E gritos melódicos e gemidos...  
De dor e prazer na luta e na paz.

As sinfonias das palavras faladas  
Vivas e ao vivo,  
Às coreografias gestuais somadas,  
Eram indícios  
De impulsos, ações, reações, intenções,  
Produtos das 'sensibilidades'  
E do culto a mitos e divindades,  
De pais para filhos e todos da tribo.

Os pais temiam a morte,  
Pois viram os mortos  
E o viver deles no tempo  
Ia ao encontro da fatalidade final  
Até que morriam e ainda é assim.

Por isso,  
Os pais se dedicaram a ensinar regras aos filhos  
De tudo e como  
Se alimentar, se proteger,  
Se agrupar, se procriar,  
E conviver.

Foi quando começou a educação.

Mas as palavras faladas  
Ou as vivências dos pais  
Não eram suficientes  
E ainda não.

### *Tomo II*

Na certeza da morte,  
Os pais fizeram os ícones imortais,  
Parietais em cavernas,  
Tábuas de pedras ou paus,  
E nas peles de animais.

Eram imagens atraentes...  
E as necessidades dos leitores

Por mensagens grafadas eram tantas,  
 Que os gigantescos desenhos  
 Ficaram demorados de se fazer,  
 Na escassez de recursos, espaço e tempo.

Então fizeram símbolos,  
 Convenções passíveis de significados.  
 E mesmo assim,  
 Não foram suficientes!

A Pré-História da humanidade  
 Chegava ao fim!

### *Tomo III*

Na ambição dos poderes,  
 Inventaram o trabalho, a servidão:  
 Usavam o saber, a força, o suor e a beleza  
 Dos dominados  
 A gerar riquezas, conforto e prazeres  
 Aos dominantes.

Reduziram figuras e símbolos  
 Às letras, palavras escritas e numerais.  
 Qualificaram e quantificaram valores  
 E formaram textos escritos  
 Com cálamos de juncos,  
 Em placas de argila, couros, paus e pedras.

Era por volta do milênio IV a. C..

Os séculos se foram e chegaram os filósofos  
 Preceptores dos filhos dos nobres.  
 E escreveram nos pergaminhos,  
 Criaram escolas, livros e bibliotecas.

### *Tomo IV*

Lembram-se  
 Das regras, mitos e divindades da Pré-História?

Perderam a utilidade para as ciências...  
 “(das ciências, Deus meu, das ciências!)  
 Das ciências, das artes, da civilização...!”  
 Mas nos limites das ciências,  
 Quando intempéries e pestes matam,  
 Há os que fazem preces aos deuses.  
 Sempre foi assim, não foi?

As ciências, meu Deus,  
 Meios vitais ou mortais,  
 Ficam reféns das políticas  
 De grupos, castas e classes sociais,  
 Trancadas em cofres,  
 Sob as ordens dos mandantes  
 E da lógica do juízo dos obedientes.

Mas na escassez do espaço e do tempo,  
 As bibliotecas ficaram inacessíveis  
 E inúteis aos povos dominados,  
 Que sobrevivem de trocar  
 Direitos, ideias, saúde, beleza e suor...  
 Por pão, pano, paz e pobreza apenas,  
 Por força da lei da oferta e da procura.

E o problema das palavras não se resolveu!  
 Porque as faladas e escritas  
 São representações,  
 As figuras também  
 E muito mais os “grandes” textos.

#### *Tomo V*

Indaguei:  
 – “Mundo mundo vasto mundo”,  
 Se de Vós eu tivesse todas as informações,  
 Seria eu a pessoa mais poderosa do mundo?  
 E ele me respondeu:  
 – De nada adianta essa ilusão,  
 Nenhuma solução!  
 À sua disposição, todas elas estão.  
 O que lhe cobram é o conhecimento,  
 É o saber muito e tanto... e tanto,  
 Vindo de seleções, exames e experimentos muitos,  
 Com isto ou aquilo,  
 Capazes de aquecer cabeças até queimar dendritos!

Nesse entremeio,  
 É que foi instalada a velha questão  
 Da falta de recurso, espaço, saber e tempo,  
 Em que a tecnologia antiga evoluiu:  
 O dono do recurso e do espaço  
 Ordena a competência  
 E o hábil artesão aplica o saber.

Foi quando nasceram as profissões  
 Cada qual a professar sua sensibilidade.



Mas isso não foi solução  
 E vieram especialidades na ação:  
 Habilidades aplicadas com tecnologia.

E o que esta fez...  
 E faz na contemporaneidade?  
 Diferenças dos poderes,  
 Exige muito recurso  
 E pouco espaço e tempo,  
 Ajuda na transmissão de códigos  
 A serem decifrados sim!  
 Mas distancia e despersonaliza as pessoas,  
 Além de transformá-las  
 Em sensações falsificadas  
 De imagens e sons, apenas,  
 Arquivos passíveis de investigação!

A tecnologia na servidão à política neoliberal  
 Decepa das pessoas a identidade  
 Na representação codificada  
 Do Cadastro de Pessoa Física,  
 Dos títulos profissionais e etiquetas sociais,  
 A exigir delas nova leitura a cada dia!

Então,  
 Leitura é percepção de partes manifestas  
 De fenômenos, pessoas, outros seres e códigos  
 Que transmuta tais partes configuradas  
 Em sentimentos, sensações, ideias, memórias,  
 Sentidos e significados,  
 Jamais nos próprios  
 Fenômenos, pessoas, outros seres...

Melhor:  
 Escreva seu nome abaixo dessa sua fotografia  
 Com fundo de Sol poente...  
 Escreveu... agora leia...  
 Leu?  
 Por tanto, afirme, com absoluta certeza:  
 “Aqui não estão nem o pôr do Sol nem eu”!

Leitura, esta é,  
 Há séculos e séculos,  
 Mascarada pelas culturas!  
 Então, figuras e palavras dos textos, no discurso,  
 Extraídos do contexto da cultura  
 Parecem-se com as verdades  
 Ou são mentiras!  
 Fica o desafio de entender o discurso  
 Camuflado entre gestos, figuras e palavras,

Em diferentes visões de mundo.

*Tomó VI*

É ingenuidade  
 Acreditar... sem meditar,  
 Em qualquer texto escrito ou falado,  
 Em qualquer figura estática ou dinâmica!  
 A seleção é fundamental.  
 Percebem o perigo?

As figuras e as palavras são  
 Uma das maiores invenções humanas,  
 Exponencialmente poderosas,  
 Extremamente necessárias,  
 Exatamente imperfeitas!

Vindas dos contextos das culturas  
 Para os discursos...  
 Reúnem e dispersam, libertam e escravizam  
 As pessoas, meu Deus!  
 Vestem ou retiram máscaras de verdades  
 De ideias e sentimentos!  
 Sentenciam a vida e a morte  
 Das pessoas, meu Deus!

E o mais repugnante e horroroso de tudo:  
 Todos esses absurdos,  
 Também em Vosso Nome, meu Deus!

*Tomó VII*

Indagam meios de ser feliz?  
 A pessoa 'supersensível'  
 Aos estímulos aos sentidos e emoções,  
 Na seleção e análise do mundo,  
 Das figuras e do texto,  
 Na compreensão do contexto,  
 Da cultura e do discurso  
 Talvez saiba.

Mas o problema permanece,  
 Porque 'supersensível'  
 É característica perceptível na pessoa  
 E 'supersensibilidade' é parte intransferível dela!  
 As linguagens não são o mundo.  
 Representam caracteres de partes dele,  
 Semelhantes às ciências,

Às verdades, axiomas e mitos...  
Acerca dele!

Apesar de tudo,  
Estar sensível ao mundo e às linguagens  
É almejar a supersensibilidade.

Ai... linguagens,  
Misteriosas potências são as vossas!

## Saudades

Tu te lembras?  
No primeiro dia,  
Nós nos saudamos.  
E tu,  
Daí em diante,  
Chamavas-me a atenção,  
E nós nos saudávamos.

De ti,  
Vinha uma energia forte e boa  
E se apoderava de mim.

Tu vinhas,  
Em silêncio,  
A cada vez,  
Mais perto de mim,  
Até que o meu olhar  
Não resistia ao teu  
E as tuas mãos  
Encontravam as minhas  
E o meu corpo o teu.

Para todo o meu pensamento,  
Por mais que a razão proibisse,  
Não era o certo,  
Mas o desejo de estar perto,  
Sem dizer nada,  
Prevalecia.

Era o momento em que saíamos em silêncio,  
Voávamos juntos  
Para o infinito da imaginação  
De crianças felizes  
E voltávamos sem dizer nada,  
Sem palavras que o dissessem.

Sei que a tua vida pede  
Um pedaço da minha  
Porque a minha quer a tua.

E pressinto  
Que devo a ti  
E que tu deves a mim  
Um legado não dado  
De gerações pregressas.

## Dissimulação

Um Sinhô e uma Sinhá, dissimulados e ambiciosos, já eram mestiçados de europeus e nativas, nos ermos dos sertões dos Goyazes. Herdaram dois latifúndios separados por um rio, escravos, e em um deles, um casarão.

Aí, Sinhá preferiu a missão da lida no aconchego e arredores. A guarda lhes faziam capatazes, cães de caça, escravas e escravos. Para casos de perigos, ela e seu negro cativo, o Neco, promoviam competições de lançamentos de punhais e tiros a alvos.

A presença de Sinhô na sede era minguada. Não confiava nos capatazes e ia comandar o trabalho dos seus negros, em garimpos ocasionais ou nos ranchos de cultivo de cereais, nas várzeas férteis, entre o rio e a montanha.

Por onde fosse o Sinhô, em viagens longas, seu negro preferido, com quem muito conversava era o Nô, de voz afeminada e gestos delicados, que provia sua alimentação, vestimentas, higiene, cabelo, barba e guardava seus segredos. Em comitivas de semanas ou meses, Sinhô vendia açúcar, cereais, pepitas de ouro, artefatos de couro bovino, peles de animais, carne seca e adquiria sal, armas, tecidos e ferramentas.

Durante longas noites a sós, no casarão, o coração de Sinhá ficava atormentado. Imaginava coisas horríveis e sentia maus presságios. Olhava para o retrato do Sinhô e sonhava com ciúmes doentios... Desejos estranhos se apoderavam dela, mas se mantinha resignada.

Pudia Deus mandá meu Sinhô chegá hoje!...

Lembrava-se da ‘mandinga’ encomendada ao Prê’tvéio, para afastar Neco de mulheres brancas, negras e mestiças sedutoras.

Tein fêma qui’ qué’êl’!...

De repente, as pisadas das mulas ficam estridentes e ela acorda... Os cães festejam. O Sinhô se vê montado, à porta. Ela o recebe e, depois do desarreio dos animais, os servos se afastam.

Exclama:

– Sinhô, cê’demorô... dimais!... Quero contá q’eu parei di tomá chá do pó de raiz p’ra eu num criá... Cê gostô?

Num tom vagaroso e firme, ele se justifica:

– Gostei, mais cê’sab’qu’eu nun’dêxo sirviçu pra tráis!...

Pressagiada, ela o observa por inteiro, bem de perto, em detalhes e, prossegue:

– Intão... vô mandá arrumá o cumê p’rô cê...

Mas ele a interrompe:

– Cê num vai não... já cumí...

Ela o adverte:

– Cê tá marelo... Cê táva cum arguêin?!... Cê vai tomá bain’quente e vô mandá fazê iscardadin temperadin p’rô’cê miorá... Jantô u’quê?!... Cumeu u’ quê?

Nuvens de sonhos e sensações inundam as lembranças dele, numa confusão de sentimentos e, com a voz muito abafada, responde:

– É!...Vô minti não! Fui’ôbrigado... a’í’catá pitanga qu’éla. Cumi pitanga i’aquêl’favo de mé’l’vermei-ruxiá’dus demôin... de arrôzi... Mais cá dê meu nego Nô? Cá dê?

E ela, enraivecida:

– Cê tá saben q’eu vendi o nego Nô, pruçê êl num falava as verdade pra mim? Já levaru’êl’na corrente. Sinti u’ispritu ruim i’us urubu tava arrudian em cima do casarão. Pód’cê mardição!

O silêncio prolongado apartou seus espíritos. Na manhã seguinte, a comunicação entre os dois ficou restrita a olhares desconfiados.

Ao entardecer, Sinhô voltou ao rancho, a sentir no peito um presságio agourento. Na noite do dia depois, ninguém ouviu estampido de arma de fogo nas notícias que vieram, mas ele não chegara ao rancho.

Na manhã seguinte, os negros foram à procura dele e o encontraram rodeado de moscas, caído de bruços, na grotta, ao lado da estrada velha. Três perfurações grossas de tiro havia no peito. Tudo indiciava tocaia. A mula dele foi encontrada perto, a bufar assustada, com todos os seus pertences, inclusive armas.

Um servo foi avisar à viúva. Enterraram-no ali mesmo, à beira da estrada, onde fincaram aquela cruz, centenária, que permanece lá, indignada.

– É, Sinhá, téin mais cura não... o seu Sinhô... dis...dis’cansô... na morte, matado!...

De olhar arregalado, entre falas balbuciadas de ordens e segredos, Sinhá mandou a mãe de Neco ir com ele registrar o falecimento do marido, junto ao delegado e acusar o Nô.

Cumpriram a ordem, mas ele voltou cabisbaixo, mudo, entristecido, depressivo. Sinhá mandou fazer raizadas para o mal de Neco, mas ele sumiu do casarão com toda sua tralha, até barraca de couro. Nesse entretempo, ela prestou depoimentos ao delegado e ao detetive, durante duas visitas recebidas e, ao final de cada uma, chamava o delegado em particular. Dias adiante, Neco foi achado por um negro caçador, no mato longe, com a mula e o cão, a resmungar o caso, incessantemente:

“Num sô nêgo di’mintira! Sô di’cunfiança. Desdi’rapais’, fiz’u’ qui’a Sinhá mandô. Desdi deitá na rêde macia qu’éla, qui’éra bão di’mais... e, dispois... ruim’di’mais foi acusá o Nô, nêgo inucent. Num é!... A Rôse nunca quis nêgo. Él’ é nêga nova, di’oiado di’onça preta, curandêra, cunzinhêra i’tá nu ranchu i só’quiz’u Sinhô. Ela tinh’ é um ciúm’duent do nego Nô cun’Sinhô. Fêis’feitiço e Sinhô’si’ngraçô pr’u’la’dela, sem tê cunserto!... A juística é di quein, minha Sinhá?!...”

Três meses depois, Sinhá confessou à mãe de Neco que daria à luz à cria dele. A menina nasceu forte, de olhos azuis, cabelos de índia e a pele do pai. Mas, depois do parto, a mãe morreu do mal de tristeza. A irmã de Neco deu-lhe o leite do peito e assumiu a tutoria da sobrinha, com o nome de Maria da Consolação, que herdou terras, servos, poderes e a cultura. A notícia do nascimento da filha curou Neco e ele voltou ao casarão. Viveu com ela o resto da vida.

A passar de avós a netos, ficou a história e o alerta dos negros nos quilombos do lugar:

“Tein qui rezá pra tê consolo e pidi’juística divina pra’quein matô Sinhô! Quein passa pert’daquela crúis na bêra da istrada véia... e nun reza..., senti’um arripição... i’iscuit’us gimid’fêi dêl’morren!”

## Carta à mocidade

### *I – Saudação*

Caríssimos e caríssimas  
Moços e moças...

Nesse vosso amanhecer,  
De coração limpo,  
Eu, representante da velha geração,  
Saúdo-vos,  
Confesso,  
Advirto  
E vos outorgo missão.

### *II – Confissão*

Caríssimos e caríssimas...

Acreditai que eu,  
Do início da metade do Século 20,  
No alto da minha maturidade,  
Não sou eu,  
Porque acreditei que o mundo  
Institucionalizado e tecnicista  
Não fosse mascarado,  
Nem impusesse sobre minha aura  
Essa falsa carapaça,  
A que dão o nome de personalidade.

A minha, não é justamente a minha.  
Ela representa mais as instituições e técnicas  
Com as quais me envolvi até agora  
Do que a mim mesmo.

Sabei vós  
Que não me chamam pelo meu Nome,  
Mas me evocam  
Por pseudônimos ou heterônimos,  
Relativos aos cargos e funções  
Que ocupo e exerço na vida.

Esta minha inquietude de hoje  
Tem raízes profundamente fixadas naquilo  
Que nunca deveriam ter se agarrado!  
Mas são as minhas raízes!...

Eu permiti, ignotamente e ilusoriamente,

Que me reduzissem àquilo que eu não sou,  
Mas apenas ao que eu estou a fazer.

As vossas,  
As vossas raízes  
Nunca poderão,  
Jamais,  
Se identificar com as minhas.

O que eu agora aparento de mim mesmo  
E mostro aos vossos sentidos,  
Sob a pena de ameaças cruéis  
É muito mais  
O que o mundo ordenou que eu fizesse e fosse,  
Do que aquilo que eu quis e já deveria ser:  
Eu mesmo.

### *III – Advertência*

Caríssimos e caríssimas,  
Moços e moças...

Encorajai-vos para  
Viverdes as próprias vidas,  
Cada qual com sua identidade  
No usufruto das intimidades que escolherdes.

Questionai e empreendei  
Revolucionárias mudanças nas instituições  
Das quais fizerdes parte  
Para que sejais humanos  
E não objetos consumidos por elas,  
As instituições.

Investigai...  
Tudo o que falam,  
Escrevem e fazem todos...  
Todos os vossos governantes,  
Sócios, sócias e clientes,  
Instrutores, pastores,  
Padres, madres e profetas.

Investigai...  
Tudo o que falam,  
Escrevem e fazem todos...  
Até os educadores e cientistas  
Massacrados pela luta entre  
Os megapoderes globais.



Desconfiai deles,  
 Não por que sejam culpados,  
 Errados, mal ou bem intencionados,  
 Mas, porque tiveram suas limitações,  
 E opções únicas,  
 Sem questionamento.

E agora eles, somente,  
 Não percebem as roupagens  
 Que lhes disfarçam e ornem  
 Corpos e cabeças,  
 Mesmo que elas, as roupagens,  
 Sejam causadoras de pestes mortais.

As tecnologias virtuais  
 E mídias desvirtuadas estão a destruir  
 A mais preciosa virtude das pessoas:  
 Estar em intimidade viva e plena  
 Consigo mesmas e umas com as outras.  
 As pessoas  
 Estão reduzidas a objetos virtuais.  
 As pessoas  
 Deixam de ser pessoas, meu Deus!

Caríssimos e caríssimas,  
 Moços e moças...

Tudo começou com a linguagem...  
 Então Deus disse:  
 ‘Façamos o homem à nossa imagem,  
 E semelhança.’

Neste princípio de Gênesis,  
 A linguagem ilude a mente humana:  
 A pessoa se sente Deus,  
 E não, apenas, um ser potente,  
 Semelhante a Ele.

Moços e moças...  
 Avançai!  
 Empreendei esforços  
 E iniciai  
 A reconstrução das instituições  
 Antes que sejais consumidos  
 Nelas e por elas.

Em vós que estais, ainda,  
 Sem as nódoas dos males da ambição,  
 Eclode o brilho imaculado,  
 Que vem de vossas identidades

Em forma de saúde e amor...

A vós que tendes, ainda,  
 Todas as forças que podem arrebatat  
 A corrupção, a injustiça e a mentira,  
 Eu vos suplico ajuda, não para mim,  
 Mas para vós mesmos  
 E toda a vossa descendência.

Conciliai a observação com a meditação,  
 E desenvolvei vossas sensibilidades.

Cultivai vossos sentimentos autênticos  
 E vossos pensamentos reflexivos...

Estai atentos aos pensamentos vossos,  
 Porque só eles  
 Estabelecem os limites  
 Entre o conhecimento humano e a Fé  
 Na suprema Divindade,  
 Determinante de todos os fenômenos,  
 Princípios e fins,  
 Mudanças e transmutações.

#### *IV - Outorga da missão*

Encorajai-vos,  
 Moços e moças...

Eu, da velha geração no século 21,  
 Outorgo-vos a missão de *Pioneiros*,  
 Com plenos poderes para o início  
 Urgentíssimo...  
 Da reconstrução do Paraíso terrestre,  
 Onde haverá fartura, saúde, paz e humanidade.

Dado e passado  
 Na Terra do amor,  
 Ao amanhecer da fertilidade,  
 Em tempos de encontros e desencontros,  
 Isolamentos, desafios e questionamentos,  
 Na terceira década do século 21.

## Silêncio

Ai de vós!  
 Malditas palavras,  
 Descabidas e expelidas  
 De mentes ambiciosas e egoístas,  
 Em púlpitos e ímpetos fraudulentos!  
 Levais guerra e ódio aonde há paz e amor.  
 E negareis, sempre, mostrar vossas consciências:  
 Sim, esses insaciáveis demônios que vos precedem!

Silêncio, ao romper dos sentidos com o mundo, em meditação;  
 Silêncio, quando os sentidos apreciam o mundo, em contemplação;  
 Silêncio, ao ligar dos sentidos com o mundo, em atenciosa observação;  
 Silêncio, na volta dos sentidos ao mundo do coração de paixão e compaixão.

E então, palavras, por quais razões vós condenais os silêncios,  
 Se só eles propiciam o compadecer, o contemplar,  
 O meditar, o observar e o apaixonar?

E, qual é o gosto pela vida,  
 Sem muito amor  
 Aos silêncios?

Silenciosamente,  
 O que os sentidos investigam,  
 Nas complexas relações e latências de pessoas,  
 Objetos, minerais, vegetais e animais, do passado,  
 E de agora, é percebido, vivido, selecionado e guardado,  
 Na memória retentora de sensações e informações processadas  
 E, transmutadas em conhecimentos, projetos, gratidão, respeito e amor.

Que os silêncios, sempre, vigiem as palavras, antes de proferidas.

### **Voz do tempo**

Há um tempo,  
Lá na infância,  
Em que os sentidos,  
Os sonhos e a imaginação  
Fixam aqueles tantos instantes  
Em que há dependência de todos  
E sonhos com a vida futura e a vontade  
Grande de ser gente grande com autonomia...

E a voz do tempo  
Põe-se a fazer convocações  
Para missões difíceis o bastante,  
Até que o tempo de sono escasseia  
E os sentidos se exaustam nos esforços...  
Em pensamentos e afazeres, sem nada de prioridade  
Para os sentimentos.

Vejam, hoje, essas caras de gente grande,  
Marcadas por rugas fundas dos cansaços,  
Sem prioridade ao que sentem e são  
Mas com a identidade exclusiva  
Do que têm e fazem!

Agora, neste tempo,  
Essas caras silenciosas fixam incertezas,  
Quando a voz do tempo lhes avisa que o futuro  
Já está aqui e se enclausuram nos sentimentos dos deveres  
Que a vida lhes atribuiu e veem o futuro aqui nelas consumado.

Restam-lhes os silêncios, nos quais dialogam com seus amores.  
Por que se despediram ou se encontraram  
Em fatos históricos?  
– É fatalidade!  
Permanecem com as saudades  
Dos que se foram.

Aos que ficam e se multiplicam  
Vivem a mostrar-lhes outros futuros  
Enquanto o amor deles recebido é alimento,  
Entre esta e tantas outras horas dos seus silêncios.

